



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Genirse de Oliveira Luiz Borge



1290001924



FE

TCC/UNICAMP B644e

ELABORAÇÃO CONCEITUAL:

O Tema Cidadania nas Eleições Mirim

200506896

Campinas

2004

Bib id 344754

UNIDADE.....	F.F.
Nº CHAMADA:	
TRC/Unicamp?	
B644e	
V:.....	EX:.....
TOMBO: 1924	
PRGC: 8612005	
C:.....	D:.....
PREÇO: R\$ 11,00	
DATA: 29/03/05	
Nº CPD:.....	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

B644e Borges, Genirse de Oliveira Luiz.
Elaboração conceitual : o tema cidadania nas Eleições Mirim / Genirse de
Oliveira Luiz Borges. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ana Lúcia Horta Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Formação de conceitos. 2. Mediação. 3. Cidadania. I. Nogueira, Ana
Lúcia Horta. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

04-275



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Genirse de Oliveira Luiz Borges

ELABORAÇÃO CONCEITUAL:

O Tema Cidadania nas Eleições Mirim

Campinas

2004

Agradecimentos

Em especial à Ana Lúcia Horta Nogueira que me recebeu de braços abertos, me orientou, me incentivou e juntas construímos esse nosso belo trabalho.

À Ana Luiza B Smolka pela atenção com que leu esse trabalho e pelas informações preciosas.

Com muito carinho aos meus filhos, Phelipe e Fabiano, por compreender as minhas ausências, os pedidos de silêncio e os passeios que não fizemos porque tinha que estudar.

Ao meu marido, Valdeci, pelo apoio incondicional

À toda minha família, responsável pela minha formação ética, moral...

À grande amiga Maria Aparecida (Cidinha) pelas longas conversas sobre os trabalhos da faculdade, pelas dicas importantes, pela presença nos momentos difíceis...

E

Aos co-autores desse trabalho: Alan, Camila, Deborah, Elvis, Fabiano, FernandaFlávia, Felipe E., Felipe F., Gabriel, Gabriela, Kaique, Jéssica, Jhonny, Lucas, Leonardo, Matheus, Michele, Mônica, Murilo, Nathalia, Natanael, Renato, Sabiana, Tamires, Thais, Thauana, Thayne, Victor, Vinicio, Vinicius, Wellington.

Resumo

Este estudo tem como ponto central observar como crianças de 4ª série do ensino fundamental elaboram conhecimento e ampliam um conceito em formação. O trabalho pedagógico foi desenvolvido na sala de aula, durante o ano de 2004. Para subsidiar esse trabalho, nos ancoramos na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, discutindo aspecto da formação de conceitos e, mais particularmente, a importância da interação com o outro e da linguagem nesse processo. A partir da fundamentação teórica apresentada, enfocamos o projeto “Eleições Mirim” apontando como o tema Cidadania, tão amplo e complexo, foi trabalhado fazendo uma análise do movimento conceitual nas discussões e produções dos alunos.

ÍNDICE

1 – Apresentação da pesquisa.....	5
2 – Princípios teóricos.....	7
• A linguagem e o processo de conceitualização.....	10
4 – O trabalho no contexto escolar.....	14
A) A sala de aula.....	14
B) O desenvolvimento da pesquisa.....	14
C) Desenvolvimento do trabalho pedagógico.....	16
• O trabalho com o conceito “cidadania”.....	20
• “Cidadania”: as tramas de um conceito.....	30
D) As produções dos alunos.....	35
• Primeiras produções.....	35
• Novas produções.....	41
• Das produções individuais para as produções em duplas.....	46
• A produção escrita.....	51
• Enfim, a eleição.....	56
4 – Considerações finais.....	59
Anexos.....	61
Bibliografia.....	69

Apresentação da pesquisa

Inicialmente o meu foco de interesse estava centrado na questão de como crianças de 4ª série do ensino fundamental poderiam compreender e vivenciar a simulação de um processo democrático, o eleitoral, por meio do projeto “Eleições Mirim”. Esse projeto foi elaborado, tendo em vista às eleições municipais, por um grupo de professores da nossa unidade escolar, do qual fiz parte. Contudo, sua efetivação necessitaria da participação e envolvimento de todo o corpo pedagógico (professores e coordenador) e de todos os alunos.

Essa proposta está inserida também dentro de um projeto maior, que engloba toda a rede municipal de ensino de Hortolândia, que é o projeto “Cidadania”. No entanto, o enfoque dado nesse projeto por toda a rede (incluindo nossa escola), se restringe ao civismo (hasteamento semanal da bandeira seguida do canto dos hinos nacional e municipal e estudo dos símbolos pátrios), ao desenvolvimento de valores pessoais, sociais e morais (honestidade, solidariedade, respeito mútuo, compreensão, a disciplina, “obediência” inquestionável as normas sociais e a hierarquia, principalmente a escolar, etc).

Esse projeto maior é desenvolvido tanto pela professora da sala, que se ocupa principalmente de organizar os alunos em fila e exigir a postura correta às sextas-feiras durante a execução dos hinos, e por uma professora responsável exclusivamente por ele, que fala, faz leituras e dinâmicas referentes as questões de valores, como o respeito as diferenças, a cooperação, a bondade, entre outros.

Não se trata aqui de desconsiderar esses temas, de achá-los menos importantes que outros para a formação do ser humano integral, contudo o aspecto histórico de luta social, civil e política que este conceito comporta não são contemplados, não são valorizados no seu desenvolvimento (apesar de constar no projeto).

Apreensiva por esse tratamento a-histórico do conceito, percebi tanto na elaboração do projeto da nossa escola, “Eleições Mirim”, quanto pelo momento democrático por qual estava passando todas as cidades do Brasil, incluindo Hortolândia (as eleições municipais), uma oportunidade singular, para trabalhar com esse conceito

como uma elaboração social construída ao longo da história do homem, que é um ser social e político por natureza¹.

O trabalho com esse tema, nesse momento do ensino fundamental, também se torna relevante, pois nessa etapa de escolaridade, os alunos já possuem interesse por questões sociais. O maior domínio da escrita e da leitura nessa série, permite a eles buscar mais informações em diferentes fontes escritas, observar, comparar, explicar, e registrar por meio de textos de maneira mais precisa e complexa o que aprenderam, possibilitando, assim, novas oportunidades para se trabalhar com assuntos mais complexos que exigem uma abstração maior.

O desenvolvimento desse projeto, na sala de aula, foi feito de forma a tornar o tema significativo para o grupo de alunos, procurando promover situações em que os alunos pudessem estabelecer relações entre os seus conhecimentos já adquiridos com os novos, para que pudessem ampliar, construir novos significados cada vez mais abrangentes e abstratos dos assuntos estudados e que dizem respeito a sua vida fora da escola.

¹ Não é a única maneira de trabalhá-lo, pois acredito que é possível enfocá-lo de forma integrada aos conteúdos das diversas disciplinas escolares presentes no currículo e não apenas por meio de um projeto

PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Nesse trabalho sobre a elaboração conceitual de cidadania, que se realizou num espaço institucional, a sala de aula, buscamos no pensamento de Vygotsky a base para a reflexão sobre a prática pedagógica. Destacamos, a partir dos pressupostos desse autor, as questões sobre o desenvolvimento e aprendizagem humana, o papel do outro social e especificamente da escola e a relação entre a concepção de uma determinada prática pedagógica e a atuação docente.

O papel da escola na constituição do ser humano é de extrema importância por se tratar de uma instituição que tem como objetivo o aprendizado e por isso a planeja, organiza os conteúdos e tem um ensino intencional.

Vygotsky apresenta uma reflexão bastante rica sobre vários aspectos do desenvolvimento humano e a importância do aprendizado como “mola propulsora” para esse desenvolvimento, possibilitando um redimensionamento do trabalho pedagógico que contribua para um aprendizado mais eficaz.

Em suas pesquisas, o autor aponta a relação entre desenvolvimento e aprendizado, indicando que essa relação se inicia logo após o nascimento da criança. Isso porque a criança nasce num ambiente culturalmente organizado e vai se apropriando dos elementos desse ambiente por meio do aprendizado que permite despertar processos internos de desenvolvimento.

A partir das reflexões deste teórico, percebemos que aprendizado e desenvolvimento não são as mesmas coisas, não caminham juntos e que aprendizado antecede o desenvolvimento. São dois processos distintos, mas que são intimamente relacionados de forma dialética, ou seja, um movimenta o outro, promovendo avanços na formação psíquica do ser humano.

Assim, com essa concepção, o autor atribui uma importância muito grande ao papel do “outro social” no desenvolvimento do indivíduo, pois o aprendizado só pode ocorrer pelas relações que esse indivíduo estabelece com seu meio sócio-cultural e com outros indivíduos de seu grupo cultural.

Considerando essa relação com o outro para o aprendizado e o desenvolvimento do indivíduo, é importante destacar um dos conceitos fundamentais do

trabalho de Vygotsky que possibilita uma profunda reflexão na área educacional: o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal.

Esse conceito diz respeito à distância que existe entre aquilo que a criança já consegue fazer sozinha, ou seja, a Zona de Desenvolvimento Real, e aquilo que ela consegue fazer com auxílio de uma outra pessoa mais capaz, Zona de Desenvolvimento Potencial. Oliveira aponta que:

A idéia de nível de desenvolvimento potencial capta, assim, um momento do desenvolvimento que caracteriza não as etapas já alcançadas, já consolidadas, mas etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado da ação individual. (1997, p. 60)

É nesse ponto que a interação social ganha intensa importância para o processo de construção das funções psicológicas humanas. O desenvolvimento não ocorre por si só, de forma natural, pensando apenas como dimensão biológica. Necessita, sim, da base biológica, mas principalmente de um ambiente social determinado e das relações estabelecidas com outros indivíduos nas diferentes atividades humanas para acontecer. A influência que produz efeito é aquela que se dá em processos que já estão em fase de amadurecimento, ou seja, na zona de desenvolvimento potencial. Não ocorre nenhum resultado a tentativa de influenciar o desempenho de outra pessoa se ela não estiver num certo nível de desenvolvimento, assim como, também não ocorre nenhum efeito interferir em atividades que a criança já dominou.

Segundo Vygotsky, então, esse processo está em constante alteração porque o que a criança consegue fazer hoje com a ajuda de uma outra pessoa mais capaz, ela conseguirá realizar sozinha amanhã, ou seja, o que hoje está na zona de desenvolvimento potencial será a zona de desenvolvimento real amanhã e uma nova zona de desenvolvimento potencial será criada.

Isso é muito relevante para a ação pedagógica na escola, pois como afirma Oliveira, “o desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva” (1998, p.59), deve se levar em conta os processos que estão em fase de amadurecimento e assim a interferência nesses momentos produz um avanço significativo no desenvolvimento, pois como afirma Vygotsky, “o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento”.

Outro ponto fundamental dessa teoria, ainda relacionado à idéia de desenvolvimento nas interações, diz respeito à internalização dos processos interpsicológicos. Considerando que o aprendizado antecede e provoca o desenvolvimento, esse processo acontece duas vezes na formação psicológica do indivíduo. Ele se dá de “fora para dentro”, pois ele se inicia nas relações exteriores com outras pessoas, são as relações inter-psíquicas, depois elas são reconstruídas internamente, são as relações intra-psíquicas. Oliveira aponta a importância do outro social, e, portanto, das relações interpessoais nesse processo de interiorização

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. (1997, p. 38)

A autora aponta também que na relação interpessoal não existe uma apropriação passiva, tal qual acontece, mas sim, uma constante reinterpretação das informações, de movimentos de recriação de conceitos, de significados.

Assim, todo o processo da formação psíquica humana, de desenvolvimento das funções psicológicas superiores (atenção voluntária, memória, percepção), ocorre de forma mediada nas relações interpessoais ou pelos diferentes elementos do ambiente cultural. Todo aprendizado ocorre de forma mediada. O contato do indivíduo com o objeto a ser conhecido, não garante por si só o aprendizado, ele precisa ser mediado pelo outro para que aquele objeto passe a ser significativo para ele.

A consequência desses pontos levantados por Vygotsky para o ensino escolar é significativa. A escola tem um papel essencial no desenvolvimento psicológico humano numa sociedade letrada porque tem como objetivo explícito o aprendizado, e sendo ele, o aprendizado, que impulsiona o desenvolvimento. Então, a escola é o local por excelência na promoção do desenvolvimento humano.

O ensino deve ser planejado dirigindo-se às etapas do desenvolvimento ainda não alcançadas pelos alunos e não pelas que eles já dominam, por isso é necessário conhecer o desenvolvimento real da criança e o que está em fase de desenvolvimento para uma intervenção relevante na promoção de novas conquistas psicológicas.

Nesse sentido, o professor tem o papel explícito de intervir intencionalmente junto aos alunos, fornecendo pistas, dando dicas, demonstrações, instruções, assistência, de forma a provocar avanços que sozinhos não ocorreriam. As intervenções na escola, considerando a Zona de Desenvolvimento Potencial, do professor (deliberada) e de outras crianças, é essencial, pois sozinha a criança não consegue percorrer o caminho da aprendizagem.

Com essas considerações, o ambiente escolar, deve ser organizado de forma a privilegiar a interação entre todos os membros envolvidos na dinâmica da escola, pois tanto adultos como outras crianças mais avançadas em determinados assuntos são mediadoras entre crianças que ainda não os dominaram e os pontos relevantes da aprendizagem.

A linguagem e o processo de conceitualização.

O processo de internalização das ações externas possibilita uma autonomia do sujeito, seu auto-controle e as modificações de suas estruturas internas. É por meio desse processo como da utilização de sistemas simbólicos que vai permitir o desenvolvimento dos processos mentais superiores marcando a construção dos processos psicológicos como essencialmente social.

Um sistema simbólico fundamental das relações sociais é a linguagem. Esse sistema possui duas funções básicas: a primeira é de “**intercêmbio social**: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza sistema de linguagem” e a outra “**pensamento generalizante**. A linguagem ordena o real agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos e situações, sob uma mesma categoria conceitual” (OLIVEIRA, 1997:42/43)

A linguagem é considerada um mediador por excelência. É por meio desse sistema simbólico que os conceitos generalizados e elaborados culturalmente são compartilhados entre os membros de um mesmo grupo e são apropriados pelo indivíduo. A linguagem age internamente e provoca modificações nas funções psicológicas superiores (a memória ativa, a atenção voluntária, movimentos controlados, pensamento abstratos, comportamento intelectual) possibilitando a organização do pensamento e a interação. No processo de desenvolvimento da linguagem se destaca a formação de conceitos e o uso da palavra.

A interação entre as pessoas é realizada mediante o uso de palavras. Toda palavra carrega em si um significado que deve ser do conhecimento de seus usuários para que cumpra seu papel de intercâmbio social. Além disso, tem fundamental papel na organização do pensamento devido ao caráter generalizante, ou seja, engloba vários objetos com algumas diferenças entre si, mas que tem a mesma função, num significado. Por exemplo, a palavra casa, sabemos que existem vários tipos (de alvenaria, de palha, de blocos de gelo, palafitas, etc.) mas quando se pronuncia a palavra casa, todas as pessoas falantes da mesma língua, entendem que se trata de uma construção que serve de moradia.

Sendo a palavra de uso social, ela também é histórica, pois ela se modifica de acordo com os significados que os indivíduos vão lhe atribuindo durante o seu uso. Fontana (2000:13) nos aponta a historicidade dos conceitos, as marcas e contradições que carregam dos momentos históricos que foram formulados e consolidados, reelaborados e re-articulados no jogo das forças sociais e busca em Bakhtin sua fundamentação:

A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. Só este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos (...) Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma relação semiótica-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material (...)” (Bakhtin apud Fontana 2000:13)

Quando a criança passa a freqüentar o espaço escolar, ocorrem mudanças relevantes no movimento de transformação dos significados das palavras, pois esse é um ambiente propício para se trabalhar com sistemas de relações e generalizações de conhecimento científico, desenvolvido e acumulado pela humanidade, aplicando ao seu universo de conhecimentos sobre o mundo, a seu modo particular de recortar sua experiência. A sua principal forma de trabalhar com o conhecimento se dá pelo uso deliberado de conceitos, expressos por meio da linguagem.

A expressão de um conceito é realizada mediante o uso da palavra, no entanto, pressupõe uma elaboração muito mais complexa do que aparentemente se percebe na sua comunicação

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte, no entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou a tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou da palavra, como o meio pelo qual conduzimos nossas operações mentais, controlando o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos. (VYGOTSKY, 1988:50).

Ambos os espaços, o cotidiano da criança e o escolar propiciam a formação de conceitos por meio da interação e da interlocução entre os seus participantes. Entretanto, no espaço escolar se inserem intencionalmente elementos a mais nessa formação, que estão relacionados a linguagem, que a favorece: a leitura e a escrita

Assim, existe uma grande diferença entre os conceitos elaborados no meio social do grupo em que a criança está inserida e no ambiente escolar. No grupo informal, denominados por Vygotsky de conceitos cotidianos, são elaborados por meio das experiências reais de uso, ou seja, de forma não deliberada, não intencional. No ambiente escolar, ocorre uma intenção, um planejamento, uma intervenção direta de um adulto para que ele ocorra. Este Vygotsky chama de conceitos científicos. No entanto, ambos fazem parte do processo de conceitualização, sua interação faz parte do processo de desenvolvimento do pensamento verbal.

A escola e o professor vão trabalhar especificamente com o científico. Vygotsky nos indica que “é preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado um certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato”. (2003:135)

Além disso, é necessário considerar a forma como o aprendizado humano ocorre, sempre mediada pelo outro, para que o ambiente e as estratégias escolares sejam organizadas de maneira que se privilegie formas de mediação, tanto do professor com os alunos (que explica, dá informação, questiona, corrige, faz o aluno explicar), como entre eles próprios, no processo de apropriação do conhecimento.

Sob o ponto de vista da teoria histórico-cultural a escola exerce um papel singular na elaboração de conceitos, pois a interação entre adultos e crianças é marcada por lugares e papéis distintos e deliberados em que cada um sabe o que o outro espera de si. Diferentemente das interações cotidianas em que a interação é natural, espontânea. Além disso, a escola tem como especificidade trabalhar com conceitos científicos que

“são parte de sistema explicativos globais organizados dentro de uma lógica socialmente construída, e reconhecida como legítima que procura garantir-lhes coerência interna.” (Fontana, 2000).

O trabalho no contexto escolar

A sala de aula

Essa pesquisa foi desenvolvida numa 4ª série de ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Hortolândia. Essa sala de aula é composta por 32 alunos, 14 meninas e 18 meninos, cujas idades variam entre 10 e 11 anos e dois alunos com idade de 14 e 16 anos

Esse é o segundo ano que estou com essa turma, fui professora deles na 3ª série. Esse fato é bastante relevante para o trabalho pedagógico desenvolvido nessa sala de aula, pois estabelece um relacionamento muito tranquilo entre professora e alunos pela intimidade e confiança, construídos durante o tempo que ficamos juntos. A convivência longa quebra a ansiedade tanto da professora quanto dos alunos sobre ritmos de trabalho e o que esperar de cada um. O conhecimento das estratégias e propostas didáticas pelos alunos os tornam mais participantes e responsáveis pela organização das atividades e pelos próprios colegas em relação à disciplina, à necessidade de silêncio nos momentos de explicação coletiva, à possibilidades de momentos de descontração, ao encaminhamento dos trabalhos em grupo, tornando-os colaboradores no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

O espaço da sala está organizado de forma que os alunos permaneçam em duplas. Essa organização só muda quando há alguma atividade que exige equipes maiores (normalmente de 4 alunos), que são formadas para partilharem materiais escassos, para vivenciarem trabalhos que exijam compartilhar, negociar idéias com mais pessoas ou para que haja uma intervenção deliberada de um colega mais capaz em determinado conteúdo que os outros; ou quando há a necessidade do formato em U, para apresentação de trabalho dos alunos, pesquisas, seminários ou, às vezes, para debates. A disposição individual só ocorre nos momentos de avaliação pontual, reassumindo o formato anterior imediatamente ao fim da avaliação.

O desenvolvimento da pesquisa

O interesse em analisar o trabalho de elaboração conceitual em crianças da quarta série do ensino fundamental se apresenta como relevante porque se propõe a perceber como estes alunos vão relacionando conhecimentos elaborados nas séries anteriores, nas diferentes áreas do conhecimento e outros apreendidos nas suas relações cotidianas, possibilitam – lhes novas formas de observar, descrever, comparar, explicitar e comunicar assuntos que são desenvolvidos especificamente nesse ambiente escolar.

Assim, o contexto escolar é considerado como um espaço em que as relações de ensino/aprendizado são intencionais para a construção de conhecimento por parte dos sujeitos e nesse processo a elaboração conceitual faz parte do objetivo da escola.

Durante o processo de elaboração conceitual, os alunos estabelecem relações entre os conhecimentos já adquiridos anteriormente, tanto na escola quando fora dela, constituindo assim, o espaço escolar, como um local de amplas relações que envolvem questões de diferentes ordens: ética, afetiva, culturais, sociais e políticas e de conflitos entre elas. Questões estas que estão presentes em todos os espaços sociais.

Ao selecionar a temática “cidadania” como um recorte para o estudo da elaboração conceitual das crianças dessa etapa escolar, já tinha conhecimento de que esse é um tema trabalhado em todas as séries (em forma de projetos específicos para toda a rede escolar ou como tema transversal) com diferentes graus de complexidade, e que seu enfoque ultrapassa o âmbito escolar, ou seja, toda a sociedade faz uso, com diferentes enfoques, desse termo.

O momento histórico pelo qual passava toda a sociedade brasileira, as eleições municipais de 2004, também foi significativo para a escolha do tema, pois durante todo o período das eleições o conceito foi utilizado com muita frequência pela mídia nas chamadas para a “conscientização da sociedade à importância desse processo democrático”. Devido a presença destas questões, no período de planejamento do ano letivo, o grupo de professores elaborou o projeto “Eleições Mirim”, atrelado ao projeto da rede Municipal de Educação, Projeto Cidadania. Assim, o recorte da pesquisa foi direcionado à temática cidadania dentro do projeto Eleições Mirim.

Tendo em vista a investigação, surgiram questões em torno dos pontos levantados em relação ao conceito de cidadania: Como crianças com quatro anos ou mais na escola compreendem esse conceito? Quais as relações que estabelecem entre esse conceito e os demais conhecimentos que possuem? E com o momento que estavam

vivenciando de forma indireta? Qual o papel do professor e dos alunos na organização do trabalho pedagógico para apreensão e ampliação desse conceito pelas crianças?

Por isso assumi essa sala de aula como professora, com todas as implicações que isso traz, e como pesquisadora procurando direcionar um olhar mais atento para as questões levantadas. Comecei, desde o início do ano, registrar, em diário de campo, momentos que estivessem relacionados ao tema que me propus a trabalhar. Também fiz uso de gravador em momentos planejados para o trabalho com o conceito. Os registros no diário, as transcrições, foram se transformando em dados, que me possibilitaram organizar materiais para trabalhar o tema e redimensioná-lo, planejar intervenções, aulas e atividades que fossem relevantes e selecionar materiais para posterior análise.

Todo o trabalho em sala de aula foi permeado por leituras que estavam relacionadas ao projeto de pesquisa como fonte básica para o planejamento e desenvolvimento do trabalho pedagógico: elaboração conceitual; temas relacionados a cidadania.

Nesse sentido me posicionei como participante que planeja e atua intencionalmente e como observadora das relações dinâmicas entre os indivíduos nesse espaço e deles com o conhecimento. Esse olhar, o planejamento, as intervenções não ocorreram de forma neutra, mas foi perpassado por toda uma bagagem de valores, interesses, preferências, pois não acredito que exista neutralidade em pesquisas, exatamente pelo pertencimento de toda pessoa a um grupo social marcado historicamente por interesses, preferências, valores

(...) a sua visão de mundo, os pontos de partidas, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe sua pesquisa ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa.(LUDKE e ANDRE, 1986:3).

Tomando como base teórica a abordagem histórico-cultural em psicologia, a análise se ateve ao processo de elaboração de conhecimento pelos alunos e as relações sociais para que isso ocorresse e não só ao produto final. Isso porque é só através da compreensão do processo que é possível apreender o movimento de apropriação de um conceito.

Vygotsky, em seus estudos, valorizou essas formas de pesquisar: enfatizou a análise do processo, de sua constituição e não apenas do produto final; destacou a necessidade de examinar a constituição histórica do objeto estudado; e a participação do outro e das relações sociais. Além disso, ou por isso, destacou a importância das pesquisas serem realizadas num ambiente onde as relações sociais reais ocorrem ou o mais próximo possível disso.

Essas considerações são muito importantes, pois sendo o ambiente escolar um espaço que se apresenta numa movimentação constante, o estudo que enfatiza as transformações dentro desse ambiente permite apreender melhor a sua dinâmica. Nessa perspectiva se justifica a ênfase sobre o processo de elaboração conceitual como um “processo criativo (...) voltado para a solução de algum problema” (Vygotsky, 2003:67) “e de considerar a formação de conceitos como uma função do crescimento social e cultural global do adolescente, que afeta não apenas o seu conteúdo, mas também o método de seu raciocínio”. (idem:73)

A observação foi seletiva aos momentos planejados para esse trabalho ou aos momentos que surgiram espontaneamente, mas que elucidaram o foco de interesse.

Desenvolvimento do trabalho pedagógico

Eu, como professora-pesquisadora, já tinha um projeto de pesquisa que estava ainda no começo de seu planejamento no início do ano letivo: iria trabalhar com a temática cidadania, dentro do projeto “Eleições Mirim”, ressaltando seu caráter histórico e político. Estava planejando a forma de apresentá-la aos alunos, quando, de forma inesperada, a palavra cidadão foi mencionada naturalmente por uma das alunas no primeiro dia de aula.

A utilização da palavra em sala, tomou me de surpresa e indicou-me dois fatos importante para o encaminhamento do trabalho pedagógico: primeiro que alguns alunos já tinham um conhecimento prévio dessa palavra, que eu não iria começar um trabalho de elaboração conceitual “inédito”, mas sim promover o seu avanço. O segundo fato que considero importante foi perceber o meu despreparo para realizar um trabalho envolvendo um tema tão amplo e de difícil abordagem. Senti então a necessidade de buscar materiais sobre o tema, que possibilitasse primeiramente a minha elaboração.

Busquei em Covre, no seu livro “O que é cidadania”, elementos para minha elaboração. A autora aponta que o significado de cidadania não é igual para todos, para

alguns, “cidadão confunde-se com o direito de votar”, mas esclarece que isso “não garante nenhuma cidadania, se não vier acompanhada de determinadas condições de nível econômico, político, social e cultural”. A autora afirma ainda:

cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos do atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel do(s) homem(s) no Universo. (1991, p. 11).

Covre delinea cidadania em termos de direitos civis, sociais e políticos, ressaltando a interdependência dos três. Indica também que o cidadão tem deveres na construção desses direitos, que é sujeito na coletividade naquilo que pode conquistar e não um receptor passivo desses direitos. Isso porque o próprio conceito de cidadania é histórico e social, e como tal possui um movimento que foi se delineando ao longo da história da humanidade em termos de lutas de classes sociais antagônicas (homens livres/escravos – Grécia, Roma; servos/clero e nobreza – sociedade feudal; burguesia/proletariado - início do capitalismo; capitalistas, tecnocratas/trabalhadores – atualmente). Criando assim, para cada momento histórico e para cada classe social um significado diferente de acordo com a estrutura vigente.

Dimenstein, no seu livro *Cidadão de Papel*, define cidadania nos dias de hoje como “em essência, o direito de viver decentemente ” e que os menores gestos demonstram estágios da cidadania: “não jogar papel na rua, respeitar o sinal vermelho no trânsito”, etc. Estabelece muita semelhança com Covre ao elencar vários exemplos de direitos sociais, civis e políticos e também de deveres. Em seus exemplos encontramos muitos direitos referentes a grupos subalternizados historicamente e que conquistaram seus direitos recentemente (negros, mulheres).

Baseada nas colocações de Covre e Dimenstein, percebi que assumir o aspecto histórico e social desse conceito me possibilitava um amplo trabalho pedagógico na disciplina de Estudo Sociais pela própria dimensão sócio-histórica dessa área do conhecimento. Em relação a esse aspecto Fontana aponta que

Mais do que em outras áreas do conhecimento, a elaboração conceitual via linguagem neste campo revela-se inescapavelmente como uma “arena de luta”, de confronto entre perspectivas sócio-

ideológicas, pondo em evidência a dimensão política da prática educativa. (2000, p.35)

Assim considero que as disciplinas de História e Geografia são fundamentais para o desenvolvimento de uma postura crítica, responsável diante da realidade, nas mais variadas situações sociais em que há necessidade de tomada de decisões, tanto individuais, quanto coletivas. E é essa exatamente a função da Educação, desenvolver, instrumentalizar o indivíduo para que possa viver em sociedade de forma autônoma, consciente de seus direitos e deveres enquanto ser único e coletivo.

As estratégias de ensino valorizadas no trabalho em sala de aula contaram com um momento de levantamento de conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto (sobre o título de *Tempestade de Idéias*), leituras individuais, leituras coletivas e durante estas, um constante diálogo, buscando compartilhar, confrontar idéias e opiniões, elaborar explicações mais objetivas e consensuais².

Essa proposta busca apoio em Silva (1983) que, ao afirmar que ler com criticidade envolve atos complexos da consciência acionados durante o processo de leitura, o encontro significativo do sujeito/leitor com o texto. Isto é uma recuperação primeira daquilo que o documento fonte diz; o leitor crítico não recebe as informações e idéias do autor, ele reage, questiona, emite juízos, problematiza e aprecia com criticidade. Ao refletir sobre aspecto evidenciado pelo texto, o leitor se depara com outras alternativas de explicar a realidade, sua mente se abre para novos horizontes e conhecimentos. Mas é somente através da contextualização, na ação sobre o conteúdo do conhecimento e confronto do texto com a realidade social, que novas alternativas são estabelecidas pelo leitor. O autor ainda afirma que ao ler, o sujeito-leitor sempre constrói um outro texto, resultante de suas histórias, de suas experiências, do seu potencial lingüístico etc.

Todos os fatos, sujeitos e tempos históricos trabalhados na disciplina de estudos sociais foram abordados de forma a privilegiar o movimento de grupos antagônicos, ou seja, trabalhar as relações de poder, nas suas mais variadas manifestações, sócio, cultural e econômica, na sociedade brasileira ao longo de sua história tendo a preocupação de fazer um paralelo com a situação atual desses grupos. Apesar do recorte histórico realizado com os alunos ter sido para a sociedade brasileira, ele não foi (como realmente não é possível) desvinculado da história mundial.

O trabalho com o conceito de “cidadania”

Em maio, surgiu a oportunidade de novamente discutir o conceito de cidadania quando resolvi aproveitar a cartilha que os alunos receberam no projeto Trânsito, “Estrada para a Cidadania” de Zamboni e Baère. No primeiro momento a discussão ficou em cima das palavras que compõe o título da cartilha para depois ser discutido o título todo e relacioná-lo com o seu conteúdo.

A palavra “estrada” acabou sendo definida pelos alunos como um caminho concreto, por onde passam carros, pessoas, ficando assim presa à realidade dos alunos. Então, eu os questioneei se existia uma cidade ou um lugar chamado Cidadania que as pessoas chegavam lá por uma estrada “real”. Afirmaram que não, mas não souberam explicar o porque. Nesse momento apresentei um outro significado para a palavra estrada: “um percurso não concreto que alguém tem que percorrer, como por exemplo, a educação escolar”. Dessa forma estava explicitado mais um significado dessa palavra: primeiro, dentro desse contexto, uma cartilha sobre trânsito pode ser compreendida como algo concreto; para cidadania, como um percurso mental para a sua compreensão e das responsabilidades e direitos no trânsito.

Após um longo debate, o aluno Jho, chegou à definição de que “cidadania se referia a direitos e deveres no trânsito”. A classe toda aceitou essa definição e a conversa foi encerrada sem nenhuma sistematização.

Após essa atividade foi entregue a cada dupla um trecho do livro de Covre, *Origem da Cidadania, Ascensão da Burguesia e Cultura Burguesa*³, que apresenta a origem da cidadania ligada ao surgimento das cidades e uma democracia restrita. Pedi que lessem duas vezes: a primeira, que lessem tudo sem parar; na segunda, que marcassem as palavras que não conhecessem para depois procurarem no dicionário. Variadas estratégias de leitura foram negociadas nas duplas: duplas em que um lia e o outro ouvia, outros liam juntos silenciosamente, outras duplas em que cada um lia um parágrafo.

² Os textos trabalhados com os alunos e de apoio ao professor vieram de diferentes fontes: didáticos, literatura infantil, entre outros.

³ Texto em anexo

Na marcação das palavras desconhecidas a negociação nas duplas também foi utilizada. Segue o exemplo de uma dupla:

Ren: *Vamos marcar individuo?*

Ala: *Não! Indivíduo é pessoa.*

Ren: *Então tá.*

Logo após a realização desse trabalho utilizando o dicionário, iniciou um debate sobre o conteúdo dos três primeiros parágrafos⁴.

Prof: *...Pessoal vamos agora conversar sobre esses três primeiros parágrafos. O que vocês entenderam de tudo isso aí? Tem um monte de coisa que vocês não vão entender porque vocês precisam de mais conhecimentos de história para estar entendendo. Mas alguma coisa vocês entenderam. O que vocês entenderam?*

Jen: *Ta falando de cidadania.*

Prof: *Ta falando o que de cidadania? Nesse texto ta falando de respeitar as pessoas?*

Jen: *Ta falando mais de cidadania política.*

(...)

Prof: *E o que está falando de cidadania política?*

Jen: *Ta falando dos escravos, das mulheres.*

Prof: *E o que está falando deles?*

Jen: *Que na democracia grega só incluía os homens livres, os escravos e as mulheres não.*

Prof: *Incluam em que? No que que os homens livres eram incluídos e os escravos e as mulheres não eram?*

Jho: *Na sociedade, professora?*

Prof: *Mas o que eles faziam na sociedade?*

Fer: *Votação.*

Prof: *Votação em que? Pra que?*

⁴Em anexo apresentamos a transcrição integral de debate.

Jen: *Exército.*

Prof: *Não é exército, é exercício da cidadania. Mas o que significa exercício da cidadania?*

Jen: *É que só eles tinham direito a cidadania, os escravos não.*

(...)

Déb: *Os homens exerciam os direitos e deveres de cidadão.*

(...)

Prof: *Dá pra gente saber como eles exerciam esses direitos e deveres?*

Cçs: *Dá.*

Prof: *Então como era?*

Déb: *nas decisões da cidade*

Ao longo do debate, os alunos indicaram importantes aspectos: o texto falava sobre cidadania política; mulheres, crianças e escravos estavam fora dela, que só os homens nascidos em Atenas exerciam a cidadania por meio do voto e eram os únicos com direitos e deveres de cidadãos.

Após o debate, os meses de junho e julho que se seguiram, transcorreram bastante tumultuados por ser encerramento de semestre, festa junina, entre outras coisas e, portanto esse trabalho ficou suspenso sem nenhuma possibilidade de sistematização mais ampla.

O trabalho pedagógico com o conceito foi retomado em agosto com muito protesto pelos alunos que não estavam vendo nenhum significado nas discussões anteriores e argumentaram que não era matéria de quarta série, que a escravidão havia acabado e que agora eles tinham direitos (no sentido que eu não poderia obrigá-los a fazer o que não queriam, isso tudo num clima de brincadeira). Argumentei que era conteúdo de nossa série sim, mas somente essa explicação não foi suficiente para convencê-los a continuar a trabalhá-lo. A situação só foi mesmo revertida quando explicitiei o objetivo desse trabalho: discutir textos que os ajudariam entender um pouco sobre as eleições municipais reais e que devido a ela a escola iria desenvolver a simulação de uma eleição municipal por meio do projeto “Eleições Mirim”. Eles iriam participar, pois como planejado, cada série do segundo ciclo (3ª e 4ª séries) deveria criar

um partido, as propostas de governo, apresentar um candidato a prefeito e um vice, os vereadores seriam alunos do primeiro ciclo (1ª e 2ª séries). Deveriam ainda criar um “jingle”, propaganda eleitoral, “santinhos”, cartazes, haveria showmício quando os candidatos apresentariam suas propostas para a escola toda e todos iriam preencher seu título de eleitor. Haveria urnas e nesse ponto os alunos quiseram saber se as urnas seriam eletrônicas como numa eleição real, expliquei que não, que nós só estaríamos fazendo uma simulação e urna eletrônica seria impossível, votariam com cédulas de papel como eram as eleições antigamente. Deixei claro também que para isso nós deveríamos nos preparar para essa atividade entendendo bem o que significava cidadania, democracia e a importância do voto.

A partir desse momento o trabalho passou para um outro contexto para os alunos e passou a ser significativo para eles, pois passaram a demonstrar muito interesse. Já estavam vivenciando na vida real, de forma indireta, todo esse processo democrático restrito aos adultos. Ali era apresentado à eles a oportunidade de vivenciá-lo de maneira direta, com a possibilidade de votar e ser votado.

Nesse novo contexto o trabalho pedagógico com esse conceito passou a ser mais sistematizado, envolvendo previamente uma produção escrita individual sobre o que entendiam por cidadania naquele momento e produções posteriores, após o trabalho com diferentes textos.

Foi trabalhado um texto de Dimenstein (1997) que apresentava a seguinte definição de cidadania: “Cidadania é uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos. Mas hoje significa, em essência, o direito de viver decentemente”, com vários exemplos concretos sobre o que é ser cidadão hoje. Também foi trabalhado textos de Covre que trata dos Direitos Cívicos, Direitos Sociais e Direitos Políticos, que, em conjunto e integrado compõe a cidadania, chegando a uma síntese coletiva conforme o quadro abaixo:

Cidadania	Direitos Cívicos	- dispor do próprio corpo; - direito de ir e vir
	Direitos Sociais	atendimento às necessidades humanas: lazer, saúde, alimentação, habitação, trabalho, educação, etc.
	Direitos Políticos	direito à livre expressão, de prática política e religiosa, direito à participação direta em sindicatos, partidos, e indireta pela votação nas eleições.

Depois da montagem desse esquema começamos a estudar o governo brasileiro, o que era poder, especificamente o político, sua organização e representantes federais, estaduais e municipais. A diferença entre ditadura e democracia e para caracterizá-los utilizei os livros de literatura *O Reizinho Mandão*, Ruth Rocha (caracterizando a ditadura) e *A Constituinte da Nova Floresta*, (caracterizando a democracia).

Também trabalhamos a cerca da importância e a história do voto no Brasil. Para encerrar esse trabalho discutimos duas poesias. De Bertolt Brecht, “O pior analfabeto é o analfabeto político...”, enfocando a importância de participar dos momentos eleitorais, buscando muitas informações sobre o candidato antes de votar e acompanhá-lo durante o seu mandato; discutimos também que toda lei é elaborada por esses políticos eleitos pela sociedade e ele trabalha com o dinheiro da população (os impostos) para garantir melhora na sociedade para a própria população e isso deve ser fiscalizado pelos maiores interessados. De João Cabral de Melo, “Um galo sozinho não tece uma manhã.”, ressaltando a importância da participação coletiva, mas principalmente a responsabilidade que cada um tem nessa coletividade, para que transforme as coisas que a sociedade ache que está errada, ou que precisa ser melhorada.

Toda a dinâmica do projeto “Eleições Mirim” esteve articulada ao trabalho teórico com os alunos: a escolha dos candidatos da classe para compor o partido foi realizada por meio de votação, o nome dos interessados foi colocado na lousa e cada aluno, candidato ou não, recebeu um papelzinho para votar no nome que escolhesse para ser candidato a prefeito. O mais votado foi o Fab. e o segundo foi o Jho., candidatos a prefeito e vice, respectivamente.

O nome para o partido foi elaborado em grupos de quatro alunos, saindo assim oito nomes diferentes. Cada equipe explicou o porque daquele nome e novamente houve votação, utilizando papelzinho, para escolher apenas um.

Para a elaboração das propostas de governo também houve a participação de todos, com a seguinte orientação minha: que fossem as mais viáveis possíveis, pois eles tinham feito várias vezes críticas de forma geral aos políticos que fazem promessas e não cumprem depois de eleito. Os mesmos grupos de quatro alunos elaboraram duas propostas cada grupo, depois foram colocadas na lousa e discutidas uma a uma, sendo retiradas as que eram repetidas e as inviáveis, e englobadas numa só as parecidas. O “jingle” foi feito por um grupo de meninas, que prepararam autonomamente uma coreografia para a apresentação no showmício, cabendo aos outros alunos cantar a música para a apresentação.

No dia do showmício, a apresentadora foi uma aluna da outra classe de quarta série, a abertura foi feita por alunas dessa mesma série cantando a música *Vota Brasil* acompanhada de uma coreografia, estilo vitrine viva (com movimentos que imitam os de um robô e que ilustram a letra da música), por uma ex-aluna da escola convidada especialmente para essa ocasião. Em seguida os candidatos de cada partidos foram se apresentando, apresentando suas propostas, os jingles e as danças que cada equipe preparou. O encerramento foi feito por cinco meninas dublando as Rouges com a música *Blá blá blá*. Todos os alunos da escola do período da manhã estavam assistindo, pois todos votariam. Houve muita atenção durante toda a apresentação, todos os alunos se empenharam nesse projeto, assumindo com muita responsabilidade o seu papel ou como candidato ou como eleitor. Um exemplo da responsabilidade assumida pelos alunos foi de uma criança que chegou a adiar a viagem para o período da tarde que precisava fazer com os pais, pois eles votavam em outra cidade, somente para poder votar.

Cada partido recebeu material (cartolina, duas cópias de xerox, pincel atômico, papel pardo) e um mural para colocar suas propagandas. Durante os recreios havia muita música dos partidos e bandeirinhas dos candidatos, não houve brigas, provocações ou sujeiras no pátio com material das propagandas.

No dia da votação foram organizadas filas por classe, cada um levou seu título de eleitor, entregou ao mesário (um inspetor de aluno), recebeu a cédula, votou na cabine e colocou na urna, recebendo o título de volta na saída, uma aluna da escola não votou por motivos religiosos, era Testemunha de Jeová. A apuração dos votos foi no dia seguinte e o vencedor foi o partido PEB (Partido Estudantil Brasileiro) que passou de

sala em sala agradecendo os votos. Nesse momento de agradecimento, os meus alunos disseram aos eleitos que iriam cobrar as promessas feitas durante a campanha.

“JINGLE” E TÍTULO DE ELEITOR

Paródia elaborada por um grupo de
Crianças da sala – ritmo *Festa no Gueto*

É 35

Titulo de eleitor

É 35 pode vir pode votar
Escolhendo esse prefeito
O recreio vai melhorar

Se você quiser votar
Preste muita atenção
Vote sempre 35
Para ser bom cidadão

Vai lá pra ver
O recreio melhorar
Sempre tendo muito jogos
Para você poder brincar

Vai votar (4 X)
Vai votar no 35, Vai votar
Com esse partido as coisas vão melhorar.

- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
TÍTULO ELEITORAL	
NOME DO ELEITOR	_____
DATA DE NASCIMENTO	_____
Nº INSCRIÇÃO	_____
ZONA:	_____
SEÇÃO:	_____
MUNICÍPIO	_____
DATA DE EMISSÃO	_____
JUIZ ELEITORAL	_____

APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS E PROPOSTA DE GOVERNO

PARTIDO MIRIM ESTUDANTIL - PME PARA PREFEITO FABIANO Nº 35

Eu moro em Hortolândia com minha família, há 11 anos. Estudei na E.M.E.I. “Jardim Adelaide” e estou estudando na E.M.E.F. “Jardim Adelaide” desde a 1ª série, estou hoje na 4ª série A.

Sempre tirei boas notas na escola e nunca reprovei. Agora sou candidato a prefeito nessa Eleição Mirim.

Meu partido é o PME — Partido Mirim Estudantil e meu número é 35.

VICE – PREFEITO JHONNY

Eu moro em Hortolândia com minha família, há 13 anos. Estudei no pré na E.M.E.I. “Jardim Adelaide” e agora estudo na 4ª série A na nossa escola.

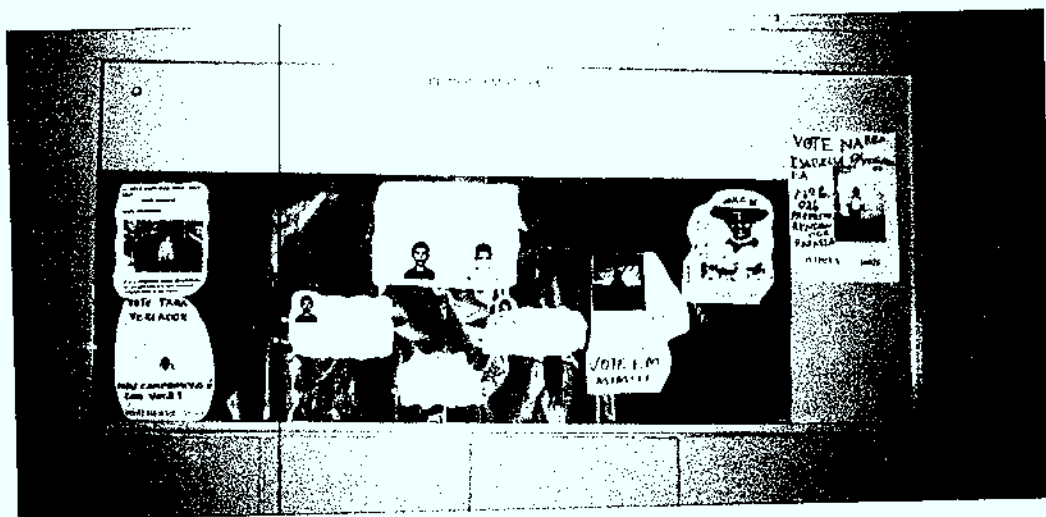
Sou candidato a vice-prefeito junto com Fabiano para prefeito. Colaborarei com as propostas do nosso partido – PME – Partido Mirim Estudantil. E o meu número é 35.

PROPOSTA DE GOVERNO

- Promover campeonatos de jogos nos intervalos;
- Promover danças na hora do recreio;
- Promover campanhas de arrecadação de brinquedos para a hora de recreio;
- Promover campanhas de conscientização sobre o lixo reciclável. Cigarros e drogas;
- Promover campanhas de arrecadação de gibis para serem utilizados na hora do recreio;
- Possibilitar a diminuição de brigas e correrias no intervalo através da conscientização e da utilização de jogos / brinquedos e gibis, para esses momentos.



Reunião do partido
PME -- Partido Mirim
Estudantil
Prefeito, vice (4ª série A) e
vereadores (1ª e 2ª séries



Painel com a propaganda eleitoral dos candidatos e das propostas do
partido PME: Prefeito, vice e vereadores.

“Cidadania”: as tramas de um conceito

O cidadão é o indivíduo que tem consciência dos seus direitos e deveres e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, na minha cidade ou no meu bairro, acontece comigo. Então eu preciso participar das decisões que intervêm na minha vida.

Herbert de Souza (Betinho)

Ao iniciarmos o ano letivo, já estava planejando trabalhar com a temática cidadania, dentro do projeto “Eleições Mirim”, quando no primeiro dia de aula uma das alunas mencionou naturalmente a palavra cidadão. Isso ocorreu no momento em que propus analisarmos uma dinâmica de integração que realizamos em sala de aula.

A dinâmica consistia em que os alunos procurassem, em duplas, uma solução criativa, não convencional e cooperativamente, para se soltarem um do outro, pois se encontravam numa situação em que estavam com os punhos atados com barbantes e entrelaçados entre eles. Essa atividade gerou muita agitação na sala, pois todas as formas de solução que tentavam não obtinham resultados satisfatórios. Depois de um determinado tempo expliquei que a única maneira possível de se separarem do colega sem desamarrar o barbante era uma das crianças fazer uma laçada com o seu barbante, passar entre o barbante e o pulso do colega e o colega passar a mão dentro dessa laçada. Ao terminar essa dinâmica comecei um debate para que os alunos refletissem sobre a atividade não convencional e a forma de buscar soluções possíveis.

Prof: Por que propor pra vocês esse tipo de atividade? Esses desafios que tem que resolver de forma diferente do que vocês estão acostumados?

Fer: Pra desenvolver a nossa mente, pra gente ficar mais inteligente.

Prof: Mas pra que desenvolver a mente?

Fer: Pra sermos bons cidadãos quando crescer.

Prof: Só quando crescer?

Classe (em coro) Não!

Prof: *E o que é ser um bom cidadão?*

Classe: (Silêncio)

Prof: *Vamos pensar bem nisso em casa, nós vamos voltar a falar sobre isso depois...*

Ro: *É ser honesto.*

Prof: *E o que é ser honesto?*

Fer: *É não mentir.*

Fab: *O juiz, o prefeito, eles têm que ser honestos.*

Prof: *Por que eles têm que ser honesto?*

Fab: *Porque quando o prefeito falar as coisas ele tem que cumprir.*

Cam: *E o Juiz, na hora de dar a sentença.*

Prof: *Só essas autoridades têm que ser honestos?*

Alguns: *Não, todos nós.*

A aluna Fer responde a primeira pergunta feita pela professora com um discurso escolar carregado de valores – *Pra desenvolver a nossa mente, pra gente ficar mais inteligente*. Esse discurso de que todo trabalho desenvolvido na escola tem por objetivo desenvolver o aspecto intelectual do indivíduo já se tornou inquestionável e provavelmente ela já ouviu várias vezes tanto na escola como em casa e o reproduz com muita segurança.

Sua fala é indicativa de que se apropriou do papel da escola como uma instituição que dá ênfase à mente, a inteligência. Além da possibilidade dessa apropriação ter se dado por intermédio tanto pelas pessoas com as quais convive (pais, professores, amigos), como pelo próprio modo de organização espacial e pedagógico desse ambiente que obriga os alunos a permanecerem sentados a maior parte do tempo e as atividades desenvolvidas privilegiam o intelecto e em muito menor grau o físico, o emocional, o artístico.

Oliveira aponta que para Vygotsky, toda relação do homem com o mundo é uma relação mediada, por instrumentos de trabalho, pelo outro social (as pessoas de sua convivência que interpretam a ação do sujeito passando assim a ser significativa para esse sujeito) ou pelos signos sociais. Os mediadores podem ser de dois tipos: instrumentos ou signos. Os instrumentos são ferramentas que auxiliam a ação humana alterando um produto externo. Já os signos são ferramentas auxiliares externas que agem

internamente provocando alterações psicológicas. De forma socialmente mediada, o sujeito pode se apropriar e ressignificar a realidade em que está inserido. Segundo Góes,

A interpretação do conhecimento como socialmente constituído supõe a relação mediada do sujeito cognoscente com os objetos. A mediação não se restringe a outros sujeitos fisicamente presentes, estende-se aos efeitos da incorporação de experiências nas relações sociais, vividas em diferentes contextos e de diferentes modos. A tese da constituição social também abrange uma certa noção de objeto, configurada nas práticas sociais e nos significados circulantes. Basicamente, o conhecer tem gênese nas relações sociais, é produzido na intersubjetividade e é marcado por uma rede complexa de condições culturais. (1997, p.14)

Quando feita a segunda pergunta – *Mas pra que desenvolver a mente?* – ela utiliza novamente uma resposta de um discurso apropriado pelo seu uso em situações variadas – *Pra sermos bons cidadãos quando crescer*. Isso porque, como afirma Dimenstein, “*Cidadania é uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos*” (1997, p.17,18).

Com diferentes ênfases, esse conceito é frequentemente utilizado pela mídia nos chamados para a conscientização da sociedade sobre assuntos que lhes dizem respeito. No momento atual, de eleições municipais, essa palavra é intensamente empregada (Campanha Cidadania – 2004, chamado usada pela TV com orientações sobre as eleições municipais). Além do seu uso constante nestes momentos democráticos e até mesmo para em consonância com o momento, como a nova palavra de ordem, as propostas educacionais apontam o trabalho com a cidadania como um dos seus objetivos

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (PCN)

Desse modo, essa palavra é empregada nos diferentes espaços sociais e os alunos vão se apropriando e empregando em situações em que é esperado determinado

discurso. O dizer da aluna indica que ela apreendeu, mesmo sem ter a consciência disso, como sendo um dos discursos próprios da instituição escolar, que a professora, como uma autoridade na sala de aula, tem determinada expectativa em relação às respostas dos alunos, sendo que essa é uma palavra valorizada em diferentes meios sociais, e também na escola, portanto, faz para ela, alusão às atividades escolares.

Vygotsky, em seu livro *Pensamento e Linguagem*, indica que a criança utiliza, desde de muito cedo, palavras que funcionam como equivalentes de conceitos, e por meio delas estabelece a comunicação entre ela e outras crianças e entre ela e os adultos.

Esse teórico aponta também que o significado das palavras são formações dinâmicas “quando uma palavra nova é aprendida pela criança o seu desenvolvimento mal começou: a palavra é primeiramente uma generalização do tipo mais primitivo; à medida que o intelecto da criança se desenvolve, é substituído por generalizações do tipo cada vez mais elevado – processo este que acaba por levar à formação dos verdadeiros conceitos.”(2003:104)

Vygotsky aponta duas maneiras para a elaboração conceitual: cotidiana e científica. Para ele o que distingue esses dois conceitos está na sua origem “Pode-se remontar a origem de um conceito espontâneo a um confronto com uma situação concreta, ao passo que um conceito científico envolve, desde o início, uma atitude ‘mediada’ em relação a seu objeto” (2003:135).

Afirma ainda que a aprendizagem (e, portanto a formação de conceitos) começa muito antes das crianças frequentarem a escola. Essa aprendizagem, das palavras e dos seus significados, por exemplo, ocorre por meio da interação da criança com as pessoas mais capazes do seu grupo social. Como não há uma intenção deliberada e planejada de ensino nas relações do dia-a-dia, ela vai ocorrer nas “interações verbais com adultos e crianças mais velhas, a criança vai ajustando seus significados de modo a aproxima-los cada vez mais dos conceitos predominantes no grupo cultural e linguístico de que faz parte” (Oliveira, 1997)

A elaboração de conceitos cotidianos ocorre nesse meio social não intencional, onde prevalecem as experiências imediatas, concretas. Um salto quantitativo e qualitativo ocorre na aprendizagem escolar, em que o ensino pode (e deve) ser planejado e a elaboração de conceitos científicos é sistematizada. Contudo, como afirma Vygotsky, há uma interação entre esses dois tipos de conceitos e há ligação entre eles num sistema total de conceitos durante o desenvolvimento intelectual da criança e que faz parte de processo único que é o desenvolvimento da formação de conceitos.

A escola tem o papel específico de trabalhar com o conhecimento produzido, sistematizado e acumulado pela humanidade ao longo do tempo e, portanto, com a elaboração de conceitos científicos, mas para isso pode e deve utilizar os conhecimentos que a criança já adquiriu antes de entrar na escola dando continuidade no seu processo de desenvolvimento. Conforme Góes, citando algumas pesquisas nesse sentido, aponta a importância de considerar esses conhecimentos adquiridos em situações vividas “para propiciar situações potencialmente geradoras de conflitos cognitivos e facilitadoras de transformação de esquemas conceituais” (1997:15).

Outra questão que a fala da mesma aluna indica também é de que a escola é preparatória para a vida adulta – *quando crescer*. Na sua fala a palavra “cidadão” se refere ao adulto. No entanto quando a professora faz uma nova pergunta colocando o termo “bom cidadão” em destaque para refletir sobre seu significado há uma surpresa geral, principalmente para a aluna que o trouxe à tona. Essa surpresa provavelmente ocorreu exatamente por se questionar uma palavra amplamente utilizada e aceita socialmente como adequada para uma diversidade de circunstâncias.

Nessa surpresa pode-se considerar a utilização dessa palavra naturalmente sem uma clareza de seu significado. Os alunos não conseguiram de imediato dar um significado para ela. Logo após a relacionam com atributos pessoais – *ser honesto* – e de conduta cotidiana – *é não mentir*. No entanto esses outros conceitos estão ligados a uma base afetiva marcadas pelas situações práticas, experiências cotidianas mediadas pela palavra do outro.

Os alunos estabelecem uma relação entre o significado de cidadão com a de honestidade, ligado apenas aos adultos, e com determinadas figuras investidas de certo poder: o prefeito e o juiz. – *O juiz, o prefeito, eles têm que ser honestos. - Porque quando o prefeito falar as coisas ele tem que cumprir. - E o Juiz, na hora de dar a sentença.*

Nas conexões que os alunos estabelecem entre um conceito e outro (cidadão - honestidade) há uma relação entre elementos isolados, uma característica de pensamento por complexo, pois houve um agrupamento de objetos, nesse caso de “virtudes”, que se associaram nas impressões subjetivas das crianças, mas que na verdade possuem uma relação entre si. Vygotsky indica o que difere um complexo de um conceito “...enquanto o conceito agrupa os objetos de acordo com um atributo, as ligações que unem os elementos de um complexo ao todo, e entre si, podem ser tão diversos quanto os contatos e as relações que de fato existem entre os elementos” (2003:53)

As produções dos alunos

Nesta parte do trabalho analisaremos como o conceito de cidadania vai se apresentando nas produções escritas dos alunos. Essas produções foram elaboradas individualmente ou em grupos. Neles podemos perceber marcas do processo de apropriação dos alunos tanto dos materiais de leitura que passaram a ter acesso por intermédio da professora, portanto um material selecionado intencionalmente, quanto das situações de interação no grupo.

Por que produções escritas? Primeiro, que essa estratégia, principalmente quando realizada individualmente, exige um posicionamento de cada aluno em relação ao tema trabalhado que muitas vezes não ocorre numa atividade oral coletiva. Numa conversa coletiva em sala de aula, a participação de todos fica prejudicada, muitos alunos não se sentem a vontade para falar em público ou outras vezes não abre uma oportunidade devido a uma participação mais efetiva de um grupo de alunos em específico.

Segundo, que na produção de texto o processo de elaboração é diferente da que ocorre na interação oral. Segundo Vygotsky, a escrita é uma atividade que necessita ser conscientemente dirigida, pois os motivos não vão sendo explicitados na própria situação dinâmica e, portanto as palavras precisam ser estruturadas intencionalmente para que se torne uma produção compreensível para um interlocutor que não está presente.

Primeiras produções individuais

Em agosto, após retomar o assunto brevemente relembrando os momentos em que conversamos sobre cidadania (relembrando o início do ano quando uma aluna mencionou a palavra, depois ao discutir o título da cartilha sobre trânsito e a sua

origem), pedi aos alunos que escrevessem o que sabiam sobre o significado da palavra cidadania. Apresento abaixo algumas produções do primeiro registro sobre o tema⁵:

Atividade 1 (Texto 1)

Cidadania

Cidadania é coperar com sua cidade como?

Respeitar a reciclagem, o trânsito, não jogar lixo na rua, no mar, lago e rio. Separar os lixos para por na reciclagem plastico, metal, papel e vidro. Tudo em ordem. E respeitar as leis do prefeito.

Isso tudo é o que eu penso da cidadania. (grifos da aluna)
(Mic)

Na produção dessa aluna percebemos que ela estabelece uma ligação entre a palavra cidadania e cidade, indicando o que conseguiu apreender com o contato que teve sobre o texto que trata da origem de cidadania. Essa relação se estabelece em termos concretos ligados a preservação do meio ambiente, principalmente do ambiente próximo da criança. São conteúdos abordados desde os primeiros anos escolares e a ações possíveis de participação infantil. Consegue se desprender um pouco do concreto quando consegue pensar nesse termo relacionado a formulação de leis, mas no entanto não consegue dar exemplos direcionadas a elas.

Atividade 1 (Texto 2)

Nós todos ouvimos a palavra cidadania na televisão no progama do jornal rejornal.

Que onde nos moramos é na cidadania está muito violenta.

Que as pessoas devem respeitar os cidadão e os cidadão devem respeitar as crianças os adolescente e mesmo os idosos. (Vic.)

⁵ Os textos foram transcritos literalmente, portanto apresenta a escrita real das crianças.

Esse texto aponta bem uma resposta explícita as orientações da professora, que pede aos alunos que escrevam o que sabem sobre esse conceito: com a possibilidade de indicar onde escutam essa palavra, vinculada a quais situações, a quem se refere, etc.

Na sua segunda frase, troca cidade por cidadania, isso pode ser entendido ou como uma tentativa de aproximação do primeiro texto estudado (A origem da cidadania) e ao veículo que citou, Jornal Regional (rejornal, no texto do aluno), que é um portador de informações sobre a cidade e a violência é um tema muito abordado e que chama muito a atenção, principalmente das crianças.

Na sua terceira frase ele aponta um dos possíveis significado da palavra cidadania – o respeito entre as pessoas – entretanto não consegue identificar quem é esse cidadão uma vez que separa pessoas de cidadão, de criança, de adolescente, de idosos. Pela confusão feita no uso das palavras em seu texto podemos dizer que para ele o conceito de cidadania, de cidadão, ainda está muito distante de sua compreensão. Acredito que se houvesse uma intervenção direta nesse texto, no momento de sua produção, questionando esses pontos apresentados para o aluno poderia ajuda-lo a avançar nessa compreensão.

Uma primeira leitura dessa produção pode parecer bastante caótica, mas se feita com bastante atenção, podemos perceber uma coerência entre as frases que estabelece um sentido para o texto: o aluno localizou um meio de comunicação responsável por informar os acontecimentos reais, um desses problemas é a violência e uma forma de diminui-la é estabelecer o respeito entre as pessoas. Contudo para atender a solicitação da professora, utiliza palavras sem domínio claro dos seus significados, mas são aquelas que a professora quer ler. Nessa produção, ele indica saber os objetivos e contornos da atividade escolar e precisa responder a estas circunstâncias.

Atividade 1 (Texto 3)

Cidadania

Coperra com a sedades respetala e ser um bou
cidadão respeta as leis não juga lixo na rua não biga.
(Jho)

Esse aluno, com quatorze anos, possui muita habilidade no raciocínio lógico matemático, uma participação oral intensa, mas tem consciência de sua dificuldade na leitura e na escrita, pois ainda não escreve e lê de forma independente. Essa incompatibilidade entre idade e série provém de muitas repetências tanto por defasagem na aprendizagem quanto por assiduidade. Tenho observado grande dificuldade no relacionamento familiar desse aluno com a escola, uma vez que seus pais não comparecem nas reuniões, são constantemente convocados devido a problemas de assiduidade do aluno e mesmo assim não comparecem, obrigando a escola a acionar o Conselho Tutelar da cidade. O aluno não frequenta o grupo de apoio (se já é difícil a assiduidade na sala de aula que dirá no grupo de apoio, onde sua “deficiência” ficaria mais evidente), e falta nos dias de correção da lição de casa.

Interessante que apesar de sua dificuldade, participa de todas as atividades de sala de aula, pois como a carteiras da classe estão organizadas propositalmente em duplas, ele está sempre sentado com um aluno mais capaz e este pode como mediador, como auxiliador entre o Jho, o conhecimento e a escrita (desse modo, ele tem a oportunidade, em sala de aula, de se alfabetizar). Nos momento de leitura normalmente consulta o colega sobre as palavras. Na escrita procura fazer sozinho, mas troca idéias com o colega a cerca do conteúdo da escrita, recorre ao colega também nos momentos que não consegue saber que letra colocar para formar determinada sílaba e nos momentos de correção ortográfica. Nas situações de leitura em voz alta⁶ é sempre chamado para ler em primeiro lugar, nesse momento não se sente constrangido, apesar de apresentar dificuldades (ele poderia se recusar a ler, mas não o faz), pois o colega que está ao lado o auxilia nas palavras mais longas (com quatro sílabas ou mais, ou com sílabas composta por mais de três letras).

A dinâmica pedagógica que prevalece na sala é de muito diálogo sobre os conteúdos da série e sua participação oral é muito intensa e pertinente. Devido a valorização da participação oral, dos conhecimentos que já os alunos têm ou vão elaborando ali, para ele são momentos privilegiado, pois sendo mais velho possui mais

⁶ Esse tipo de atividade está relacionada com o estudo dos conteúdos de todas as disciplinas. Em português ocorre quando se vai fazer uma análise lingüística ou uma interpretação de texto. Não há a leitura com objetivo apenas de constatar a capacidade de leitura corrente ou com entonação. É claro que nestes momentos se pode perceber a habilidade de leitura de cada aluno e sugerir à ele mais leitura em voz alta como treino para melhora-la.

experiências que os outros tanto de vida escolar quanto fora dela, e por isso se estabeleceu um respeito muito grande por ele.

Nos diálogos travados a cerca da palavra cidadania foi o primeiro que a relacionou com direitos e deveres, formulação aceita por todos. No seu texto podemos perceber uma elaboração um pouco maior que nos anteriores ao relacioná-la com as leis, uma vez que são esses documentos os portadores dos direitos e deveres dos cidadãos. Mesmo apresentando um maior elaboração do conceito, não deixa de relacioná-lo a aspectos concretos e de conduta - *não jogar lixo na rua, não brigar* – apontando um movimento construção conceitual.

A dificuldade no domínio do código escrito acaba se tornando uma barreira para uma produção mais elaborada pelo aluno, coisa que não acontece na sua participação oral.

Atividade 1 (Texto 4)

cidadania

Como já diz o nome Cidadania, já dá para perceber que vem de cidadão.

Mas o que significa CIDADÃO?

Bem, como nós sabemos, cidadão significa pessoas.

Mas que tipo de pessoas?

Bem, cidadão são pessoas, e pessoas são seres humanos, mais não são seres humanos normais?

Como assim, não são seres humanos normais?

É isso sim, porque seres humanos normais podem ser traficantes ou até mesmo bandidos. Já os cidadãos são especiais, eles ajudam os outros. Entendeu?

Sim.

(Mon.) (grifos da aluna)

A organização textual da aluna Mon. é extremamente marcado pelos debates desenvolvidos em sala de aula, apontando uma interlocução entre no mínimo duas pessoas, em que uma pergunta e a outra responde. Não apresenta travessão – marca utilizada para caracterizar diálogo entre duas personagens em narrativas, marca textual que a aluna domina – indicando que não se trata da criação uma história narrativa

fictícia, gênero textual muito utilizado nas escolas. Uma outra característica da oralidade presente em seu texto é o uso do termo “bem” – *bem, como nós sabemos...*

Na sua elaboração a aluna relaciona cidadão com pessoas, mas não engloba todos nessa categoria, exclui aqueles que não possuem uma conduta socialmente aceita – *os traficantes, os bandidos*. Aqui a aluna ainda mantém um sentido de conduta de atributos pessoais – como quando surgiu a palavra em sala de aula relacionada a honestidade.

Os quatro textos apresentados mostram, de diferentes formas, uma relação estabelecida entre cidadania e cidade, indicando em diferentes graus a mediação realizada pelo primeiro documento escrito que tiveram acesso – *a origem da cidadania*. Outro ponto em comum é a aproximação que fazem das suas experiências concretas: reciclagem, brigas, conservação da cidade.

A ampliação dos indicativos de cidadania é notado nos textos 1 e 3 quando destacam as leis, apontando, nestes casos, a obediência a elas – conduta também muito cobrada das crianças e portanto relacionada a suas experiências concretas. Estabelecendo neste ponto uma relação de deveres, mas não tocam na questão complementar de deveres, que são os direitos, e que ambos englobam a cidadania, como foi explicitado pelo aluno Jho num dos momentos de interlocução.

A maneira de expor a apreensão das informações se deu de forma diversa: em textos bem estruturados e organizados (textos 1 e 4) com marcas das interações e de conteúdos do ambiente escolar: em que é rico em interlocuções e trata também de questões ambientais. Ou nos textos que aponta a confusão de conceitos, indicando ainda a abstração do conceito em destaque e a tentativa mesmo assim de atender um pedido da professora (texto 2) e nas dificuldades do domínio dos códigos da escrita prejudicando a exposição da sua elaboração. Situação possível quando se trata de textos com temas abertos (texto 3).

Textos de outros alunos apresentam uma estruturação diferente desse conceito:

Cidadão

Ser um cidadão e cooperar com a cidade, respeitá-la e também os outros cidadãos.

Temos que participar dos acontecimentos da cidade, como escolher o melhor para ela e para os outros cidadãos nas eleições e aplicar regras necessárias para ela. (Ren)

Esse aluno apresenta indicativo do conceito de cidadão próximo dos outros quando estabelece uma relação entre cidadão e cidade em termos de atitude – *respeitar*. Apresenta uma ampliação do conceito de cidadão ao se incluir como um – através da conjugação do verbo *ter* – *temos* – e de cidadão como sujeitos que devem atuar na cidade. Faz referência processo democrático da sociedade – as eleições, ainda que em termos de deveres.

Novas produções individuais

Tomando conhecimento dos diferentes níveis de compreensão do conceito pelos textos produzidos, passei a selecionar cuidadosamente o material para trabalhar com os alunos de forma a enfatizar a relação entre direitos e deveres.

As propostas que se seguiram para trabalhar a temática foram sempre as mesmas: a apresentação de um texto, a leitura individual, depois a coletiva procurando evidenciar todas as informações contidas em cada parágrafo. Nesses momentos de exploração das informações do texto seguia sempre um comentário meu procurando a todo momento relacionar com temas já trabalhados no âmbito escolar (por exemplo, a comemoração de 8 de maio, como a luta histórica das mulheres por melhores condições de trabalho, inserida na luta de todos trabalhadores, que resultou na conquista de seus direitos enquanto pessoa humana e por extensão conquista também para as crianças pequenas). Os alunos não se comportaram nunca como meros receptores de informações, mas interagiam a todo instante trazendo todos os conhecimentos que

adquiriram em diferentes contextos, tanto no ambiente escolar quanto nas relações que estabelecem fora da escola, com outros companheiros adultos, crianças e com a mídia em geral, caracterizando esses momentos, como ricas situações de circulação de sentidos.

A opção por essa proposta se apóia na concepção histórico-cultural de Vygotsky de que toda elaboração de conhecimento é um processo socialmente construído e, como afirma Góes, “que se realiza na relação entre Sujeito Cognocente, Sujeito Mediador e Objeto de Conhecimento” (1997:11) e nos processos de linguagem que possibilita essa comunicação entre um grupo de pessoas em que há sujeitos mais capazes que outros cada um contribuindo para a elaboração e reelaboração conceitual do outro.

Após ler essas primeiras produções dos alunos em que a palavra cidadania ainda estava bem confusa para muitos e necessitava de outros textos para sua ampliação, busquei em Dimenstein, no livro *Cidadão de Papel*, elaborado numa linguagem acessível a alunos nessa faixa de escolaridade, o trecho *Direito de ter direitos*, que aborda as relações já de domínio dos alunos (a reciclagem, o comportamento no trânsito, etc) e expande de forma generalizada para a luta das minorias (mulheres, negros), a expansão do direito ao voto e cita ainda a Declaração Universal dos Direitos do Homem como conquistas humanas e estágios de cidadania. Esse texto, que foi sintetizado coletivamente em direitos e deveres das pessoas, veio seguido de outros do livro *O que é cidadania*, de Covre: *Direitos Civis, Direitos Sociais e Direitos Políticos*, e deles resultou na síntese coletiva na forma de um quadro.⁷

Encerradas as leituras, pedi aos alunos que respondessem individualmente, duas questões que retomavam a primeira referência ao terno cidadão – *Para sermos bons cidadãos quando crescer*. As questões eram: *Criança é considerada um cidadão? Por que? De exemplos.* e *Hoje o que você entende por ser um bom cidadão? De exemplos.*

Em relação a primeira questão todos os alunos responderam “que criança é considerada um cidadão porque já nasce com direitos e deveres”, mas os exemplos foram variados: uma grande parte colocou o direito de ter escola, creche e o dever de frequentá-las

⁷ Quadro apresentado na parte Desenvolvimento do trabalho pedagógico.

- (...) direito de ter escolas e deveres de ir até lá, direito de *brincar e dever de estudar* (Thay).

Outros ampliaram ainda para a sua conservação, para o cumprimento das regras dessa instituição

- (...) toda criança tem que ter escola mas o dever de cuidar *da escola* (Mat)
- (...) tem o dever de respeitar as regras da escola (Ala).

Três alunos não citaram exemplos. Alguns indicaram condutas cotidianas: dever de jogar papel de bala no lixo; direito a ter carinho; dever de guardar os brinquedos depois de usá-los; dever de obedecer aos pais. Duas alunas recorreram a aspectos estudados nos textos sobre a luta por direitos, sendo um deles o direito de acesso a creche e escola

- Porque antigamente as mulheres não fotavão só os homens *e as crianças não tião creches e ném escolas* (Jes);
- (...) só que elas só tem 3 há 4 anos como elas vai pegar *cartolinas escreverem: queremos creches (...) é a nossas mães que tem que fazer isso (...)* (Thai).

Nessa primeira questão, pelas respostas dos alunos, podemos dizer que houve uma generalização do conceito cidadania, por todos os alunos, em termos de direitos e deveres e que todas as crianças estão incluídas como cidadão. No entanto a relação deste conceito com os exemplos citados apresentou uma nova nuance em relação à primeira produção, pois está se mostra com um direcionamento explícito – uma pergunta que reduz a resposta, diferente da primeira atividade que é muito aberta e permite uma infinidade de colocações. Além disso, essa atividade foi desenvolvida depois de uma série de leituras, da construção coletiva da síntese do conceito e de debates sobre seu desenvolvimento histórico, por isso essa nova produção traz pontos dos textos

estudados: o direito de ter escola, aspecto muito marcante de sua realidade imediata (todos estão na escola) e também de luta pela sua conquista (como apresentado pela última criança - ... *as crianças não têm creches e nem escolas*) e da conservação do bem público⁸ (mas o dever de cuidar da escola).

Alguns alunos, utilizaram a idéia de direito e dever trazendo as relações estabelecidas em sua realidade muito próxima e familiar. Relações extremamente marcadas pelo afetivo, pelo emocional como na primeira menção do conceito, mas redimensionado.

Um ponto bastante interessante que marca as produções de todos é em relação aos exemplos de deveres serem muito mais numerosos e estarem ligados à vivência familiar e a condutas de comportamentos, do que os exemplos dos direitos, que tem bem menos exemplos e são direcionados ao âmbito escolar. Em qualquer um dos casos, as formulações das crianças, estão presas aos seus ambientes e as suas experiências cotidianas. O fato de estarem sempre sobre a guarda, a representação e os cuidados de um adulto, seja em casa ou na escola, marcam essas interações sociais e a apropriação dos códigos culturais do seu grupo de convivência. Com a adolescência a busca de se afirmar como pessoa independente, as novas experiências vivenciadas, práticas sociais e ao maior poder de abstração, vai modificar a ênfase da relação entre direitos e deveres.

Na segunda questão (*Hoje o que você entende por ser um bom cidadão? De exemplos*) se mantém a definição em torno de direitos e deveres e que todas as pessoas estão incluídas

- *é cumprir seus deveres e ter seus direitos* (Kai);
- *é ter seus direitos civis, políticos, sociais...* (Wel).

Os exemplos de alguns alunos estão relacionados a atitudes de cooperação e solidariedade, as regras e condutas morais

- *...ajudar pessoas deficientes a atravessar a rua...* (Gab);
- *respeitar as regras do local...* (Kai);
- *que devemos ser honestos, educados etc.* (Cal);

⁸ Questão estudada em virtude de uma visita a Secretaria da Fazenda, em Campinas, no Dia 02/09, esta atividade é parte integrante do projeto Nota Fiscal, da rede Municipal de Educação de Hortolândia.

Alguns ampliaram à aspectos mais abrangentes, distantes e abstrato de suas experiências

- votar no candidato que você acha que vai mudar sua cidade (Ren),
- você tem o direito e o dever de votar (Fab).

Nessa segunda atividade percebemos a ampliação do nível de abrangência com que o conceito era empregado pelas crianças e ainda que esses indicativos nos apontam a proximidade do conceito cidadania da experiência cotidiana das crianças. Um texto que demonstra claramente isso é o da aluna Mic. (aluna que produziu o texto 1 na 1ª. atividade e relaciona cidadania com o ato de reciclar):

Atividade 2 (texto 6)

Hoje o que você entende por ser um bom cidadão? De exemplos

(...)

Direitos = votar...

Deveres = votar, reciclar, manter o ambiente limpo...

(Mic)

Nesse texto, percebemos uma maior complexificação no uso do conceito. Ele apresenta a questão do voto e uma reconfiguração das ações cotidianas - **reciclar, manter o ambiente limpo.**

Os diferentes exemplos apontados pelos alunos evidenciam o caráter heterogêneo da apreensão conceitual. Todos os alunos tiveram acesso aos mesmos tipos de textos, participaram dos mesmos momentos de debates e no entanto cada um esboçou a construção de sentidos diferentes em relação ao termo trabalhado. As formulações realizadas nesse plano de interação social mediadas essencialmente pela linguagem, foi sendo apropriada individualmente de acordo com os conhecimentos, as experiências, as

estratégias que cada um tem e realiza nessa interação, por isso essa pluralidade de sentidos.

Das produções individuais para as produções em duplas:

Delineado coletivamente o conceito em termos de direitos civis, sociais e políticos o enfoque abordado passou então a se referir ao aspecto político, sua organização e a história de sua conquista na sociedade brasileira com o objetivo de atender ao projeto “Eleições Mirim” e redimensionar o conceito.

No encaminhamento do trabalho foi abordada a questão do que era poder (em termos gerais e político), o que era política, a organização do governo brasileiro, em específico a municipal, a diferenciação entre ditadura e democracia, ilustrada respectivamente pelos livros *O Reizinho Mandão* e *A Constituinte da Nova Floresta*, a participação do povo no governo (por meio do voto, de assembleias, associações etc), uma pequena história cronológica do voto no Brasil e sua importância para o exercício da democracia.

Entremeando todas essas leituras e debates, a classe preparava a sua campanha política na escola, tendo a preocupação de organizá-la de forma a não cair nos pontos criticados na sala, do tipo: “todo político é mentiroso, promete uma série de coisas e depois não cumpre”. Essa frase, colocada pelas crianças numa das nossas discussões, aponta para o caráter da composição de muitas vozes num discurso particular. As crianças, pelo seu pouco tempo de vida e sua participação ainda restrita na sociedade, não possuem experiências suficientes para tomar isso como algo vivenciado. Nessa fala são trazidas para o nosso contexto, o discurso de adultos e da sociedade em geral que vêem a política como algo muito pejorativo, sentimento desenvolvido historicamente devido à ação corrupta e de abuso de poder de muitos políticos.

Bakhtin concebe esse caráter da presença de muitas vozes num enunciado uma polifonia de vozes, e de acordo com essa concepção, Jobim e Souza nos aponta que para esse teórico, “a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está no processo de interação dialógica de pessoas que se procuram coletivamente”.(...) (1994:104).

Considerando a linguagem como uma diversificada gama de práticas sociais, para Bakhtin ignorar a natureza social e dialógica do enunciado é ignorar o eterno movimento do mundo e seu permanente estado de inacabamento

Dessa forma percebemos que a formação da consciência é social, pois é formada pelo conjunto da interação de várias consciências sendo apropriada e resignificada pelo sujeito.

Em resposta a essa colocação dos alunos (todo político é mentiroso, promete uma série de coisas e depois não cumpre), comentei que “se isso acontece nós também somos responsáveis. Como nós somos os eleitores, somos nós que colocamos os políticos no poder e não acompanhamos depois” e essa fala, que é da professora e ao mesmo tempo de um adulto que participa desse momento democrático de eleição e portanto tem autoridade para falar sobre isso, esse discurso também foi assumido como válido e incorporado pelos alunos, como indica o texto produzido pelas alunas Cal e Thai:

Atividade 3 – texto 7

(...) Você deve tomar cuidado pois se o candidato eleito
piorar e cidade, a culpa não é só dele mas de você também
pois você votou nele! (...)

As colocações dessas alunas, são provocativas, até mesmo à professora, ao levantar questões referentes a responsabilidade do voto, ao jogo de interesses e a questão de valores que se articulam nessas disputas pelo poder.

Após o desenvolvimento de todas essas atividades, as questões que surgiram foram: Como as crianças apreenderam tantas informações? O que apreenderam? Relacionaram ou não com o conceito de cidadania? Com o objetivo de sondar essas questões foi proposto aos alunos que em duplas respondessem as seguintes questões: *Qual é a importância do voto? De que forma ele interfere na vida das pessoas? Converse com seu colega e anote suas conclusões.* É essa terceira atividade que passaremos a analisar agora.

Essa atividade foi realizada por 31 crianças, o que resultou em 16 textos com conteúdos bastante próximos (uma das crianças realizou a atividade sozinha). Dessas produções, todas colocaram (não com as mesmas palavras) que

- a importância do voto é que a população escolhe um *cidadão que é candidato prefeito, vereador, vice, presidente governador e deputado para nos representar nas decisões e melhorar nosso país* (Fer e Thau) ou que
- com seu voto ele pode decidir que sua cidade melhore ou *piore* (Fel e Mat).

Em dois textos foi apontado a relação entre a eleição e os direitos e deveres das pessoas...

- *quando votamos estamos escolhendo alguém para decidir nossos direitos e deveres.* (Mic e Nat / Gab e Thay)

Os aspectos citados referentes as responsabilidades do prefeito dizem respeito ao que realmente é na realidade – educação, emprego, moradia, saneamento básico, áreas de lazer, saúde. Em dois textos, o conteúdo desses aspectos ficaram presos aos exemplos bastante próximos à realidade concreta dos alunos e aos aspectos veiculados também pela mídia:

- *Escola na educação, trazendo bolsa escola, uniforme, saúde.* (Deb-Wel)

Em outros quatro textos, apontaram o uso do dinheiro público, vindo dos impostos, que viabiliza a aplicação para o bem comum

- com o dinheiro dos nossos impostos podem construir as escolas, por lombadas para diminuir a velocidade dos carros, colocar asfalto nas ruas, ter sinalização nas avenidas para diminuir o número de acidentes. (Mic e Nat)

Em relação ao uso das palavras “cidadania” ou “cidadão” aparecem apenas em dois textos:

Atividade 3 (texto 8)

A importância do voto é que a população escolhe um cidadão que é candidato prefeito, vereador, vice, presidente, governador e deputado para nos representar nas decisões e melhorar nosso país... (Fer e Thau)

Atividade 3 (texto 9)

Qual é a importância do voto?
De que forma ele interfere na vida das Pessoas? Converse com o seu colega e escreva suas conclusões.

Escolher a melhor pessoa para nos representar na liderança da cidade e que conhece bem os problemas da municipalidade.

Então pelo voto as pessoas podem escolher esse representante para resolver os problemas da cidade.

Como é isso?

- o desemprego;
- a falta de moradia;
- os problemas da saúde;

Então devemos ser bons cidadãos e escolher o melhor representante, não se que fala mais bonito nem se que faz mais promessas e sim se que cumpre.

(Leo e Tam)

O texto 9 nos possibilita vislumbrar um modo de sistematização que algumas crianças conseguiram chegar nesse momento conseguiram indicar articulando a questão da eleição, com a representação e a resolução de um problema:

Atividade 3 (texto 9) (transcrição)

Qual é a importância do voto?
De que forma ele interfere na
vida das pessoas? Converse com
anote suas condusos.

Eleger a melhor pessoa para nos
representar na liderança da cidade
e que conheça bem os problemas do
município.

Então pelo voto as pessoas podem
escolher esse representante para
resolver os problemas da cidade
como:

- o desemprego;
 - a falta de moradia;
 - os problemas do povo;
- então devemos ser bons cidadãos
eleger o melhor representante, não o que
fala mais bonito nem o que faz
mais promessa e sim o que promete e
cumpre

(Leo e Tam)

Nessa última atividade podemos perceber uma melhor elaboração nas produções dos alunos, que são apresentadas com mais consistência em termos de conteúdo. As informações contidas nos diferentes textos trabalhados em sala de aula e os discursos desenvolvidos nos momentos de debates, aparecem nos textos dos alunos com diferentes nuances.

Obviamente a apropriação de todas as informações e por todos é impossível, até mesmo porque, como já foi dito anteriormente, a criança não absorve as informações tal qual é, mas a ressignifica de acordo com suas experiências, com seu nível de abstração, de desenvolvimento. Assim cada texto traz aquilo que seus autores apreenderam de toda a dinâmica desenvolvida nesse contexto escolar e mais as informações que se apropriaram de outros espaços sociais.

A produção escrita

Esse é um aspecto bastante interessante de estar analisando porque, durante o desenvolvimento do projeto, a escrita foi se transformando e acentuando diferenças substanciais entre as produções individuais e em duplas ou grupos maiores de determinados alunos. Podemos considerar que essas mudanças foram proporcionadas tanto pela apreensão de diferentes informações circuladas nesse contexto, quanto a troca de conhecimento (e portanto mediação) que ocorria entre colegas. Para isso vamos analisar a produção individual de duas crianças (já apresentadas nesse trabalho) e a produção em dupla realizada por elas:

Atividade 1 (Texto 2)

Nós todos ouvimos a palavra cidadania na televisão no programa do jornal rejornal.

Que onde nos moramos é na cidadania está muito violenta.

Que as pessoas devem respeitar os cidadão e os cidadão devem respeitar as crianças os adolescente e mesmo os idosos. (Vic.)

Atividade 1 (Texto 3)

Cidadania
Copeira com a cidade e respeita e não um braco
Cidadão respeita os leis não joga lixo na rua não
briga

Atividade 4 (Texto 10)

O voto importante para eleger um político
que ele vai falar por nós e para melhorar a municí-
pia.

A prefeitura e o vice prefeito e o governa-
do.

A eleição começou antes de Cristo na Gre-
ça quem tinha direito de votar era os filhos
de quem morava na Grécia quem podia votar
só mente os homens que iram lutar e que não eram
estrangeiros e que tinha que ser filho de cidadãos
legítimos como foi esquecido depois de Cristo e q
era alfabetizados e no século XX todos
podem votar homens e mulheres e
analfabetizados.

É até hoje e assim.

(Jho e Vic)

O aluno Jho⁹ tem uma participação oral bastante intensa e pertinente sobre todos os assuntos abordados na sala de aula, demonstrando uma elaboração bastante ampla de seu pensamento, entretanto, como ainda apresenta muita dificuldade com a escrita, sua produção fica restrita a poucas palavras nessa oportunidade o texto dele só tinha uma frase

(Atividade 1 – Texto 3).

Cidadania

Coperra com a sedades respetala e ser um bou
cidadão respeta as leis não juga lixo na rua não biga.
(Jho)

Vygotsky (2003) analisa a escrita como uma atividade que tem que ser “conscientemente dirigida”, porque a sua razão não vai sendo explicado nas relações concretas, de diálogos por exemplo, na escrita as palavras tem que ser intencionalmente escolhidas, organizadas e detalhadas para que a situação fique completamente explicada.

A dificuldade desse aluno no domínio do código escrito, torna a realização de sua produção escrita bastante reduzida. Situação diferente assume o texto em dupla (Atividade 4 – Texto 10), em que a troca de informações é privilegiada (embora nas produções individuais também troquem) e são de variadas ordens (ortográfica, gramatical, do conteúdo da escrita).

Transcrição do texto 10

O voto emportante para releger um poletico que ele vai
falar por nos e para melhorar o município.

A prefeito e o vise preferato e os gorrnadores.

*A eleição começou antes de cristo na Gresea quem tenha
dereito de votar era os filhos de quem morava na Gresia quem
podia votar só mente os homem que iram livres e que não eram
estrangeiros e que tinha que ser filho de átenience legitimo
como foi esquecida depois de cristo e que era alfabetizado e
no seclo XX todo poderam a votar homens e mulheres e
analfabetizado.*

E áte hoje e assim. (Jho e Vic)

⁹ Já foi apresentado, quando comentado sobre sua produção, página 33

Essa produção se caracteriza como um “relato de conhecimento”, ou seja, “o escritor conta o que sabe ou quer dizer sobre um tópico, conforme se lembra, sem considerar deliberadamente princípios do discurso ou a perspectiva do leitor” (Scardamalia & Bereiter apud Góes, 1993:102), essa forma inicial de produção é uma característica típica de escritores principiantes. Com escritores mais experientes, a produção “envolveria uma transformação de conhecimento” e todos os aspectos da escrita são considerados: o que dizer e como dizer.

Referente a essas pesquisas sobre a escrita de crianças, Góes aponta a necessidade da atuação de agentes mediadores para o desenvolvimento dessa produção,

O percurso de crescimento se faz tanto pela atividade do sujeito, fundada em estratégias e conhecimentos já construídos, quanto pela participação de agentes mediadores, em especial aqueles presentes no contexto escolar. (1993:102)

A participação desses agentes mediadores pode provocar uma situação de reflexão sobre a produção destes alunos que se apresentam mais preocupados com o tema, do que com a forma do dizer, do como dizer. Esse é um episódio que nos indica que o ato de escrever para esses dois alunos ainda não é tão consciente, deliberado, devido a não atenção ao sentido do enunciado. Essa atenção necessária para uma produção mais consciente, não se desenvolve naturalmente, segundo Góes, ela vai “ampliando com a expansão de experiência comunicativa, e dependendo da qualidade de trocas sociais, vão surgindo, num longo processo, níveis crescente de reflexividade”.(1993:103)

De acordo com essas colocações, esse texto deveria ser tomado, pela professora, como lugar de elaboração da escrita. Deveria ser retomado alguns dias depois, e portanto, com um distanciamento do momento de sua produção, para a revisão. Essa proposta (de revisão) forneceria a essa dupla um rico material de análise de sua própria escrita, configurando importante momento de aprendizagem/desenvolvimento da escrita: dos erros ortográficos, da incoerência de algumas frases devido a falta de algumas palavras, a falta de informações que dificulta o entendimento do texto, as palavras escrita de acordo com a fala (seco).

A proposta dessa revisão inicial, enfocando palavras isoladas, problemas de pontuação e correção ortográfica, seria uma “mudança de superfície”, como afirma Góes (1993:102). Essa autora indica, baseada em alguns estudos, que as estratégias de revisão de texto são bastante limitadas tanto para crianças como para escritores mais experientes e que ambos acabam se atendo a essas mudanças de superfície.

Uma reelaboração dessa produção, que possibilitasse uma mudança no significado do texto, poderia ser provocada num terceiro momento (com um intervalo de tempo entre esses momentos), a partir de uma intervenção deliberada da professora fornecendo dicas sobre os enunciados. Essa intervenção possibilitaria situações para o aluno refletir sobre sua própria produção, sobre o que fez e como fez. Nesse caso deveria focar os enunciados incompletos que dificulta a sua compreensão.

Exemplo: tinha que ser filho de átenience legitimo como foi
esquesida depois de cristo e que era alfabetizado e no seclo
XX todo poderam a votar

Enfim, a eleição

O projeto se encerrou com a votação e a apuração no dia seguinte. No dia da eleição, pedi uma nova produção aos alunos, com a orientação de que escrevessem como se sentiram votando. A maioria deles acabou fazendo uma descrição:

O dia em que fui votar

Primeiro nós fizemos uma colinha e depois a Professora filmou a gente e tirou muitas fotos, o zé Roberto foi pedindo o Título de Eleitoral para nós votar foi todos os alunos da Escola nessa eu achei muito legal e a primeira vez que eu voto na minha vida.

Quando acabei de votar a professora mandou eu sentar no refeitório para não atrapalhar os que estavam votando.

Eu gostei de votar, eu votei em uma pessoa que eu acho melhor para a escola tomara que eles cumpram todas as promessas que eles prometem aos eleitores, votei em uma pessoa que o zé acha melhor para escola.

Um aluno foi muito além da descrição, levantando aspectos bastante relevantes em relação a democracia e com um título muito sugestivo:

O poder de um cidadão

Temos que analisar as propostas de governo para não escolher errado.

Para melhorar ainda mais nossa escolha, na hora de votar você fica muito nervoso, mas é muito fácil pelo menos para mim eu estava consciente do que eu estava fazendo.

Eu acho que eles podem mudar muito nossa escola, eu prestei muita atenção, no show micio os discursos e a propostas dos candidatos.

Pensei muito bem nas propostas faladas, votei na qual achei melhor, no que ira melhorar nosso meio ambiente escolar.

Se voto muda tudo

O poder de um cidadão

Temos que analisar as propostas de governo para não escolher errado. Para melhorar ainda mais nossa escolha, na hora de votar você fica muito nervoso, mas é muito fácil pelo menos para mim eu estava consciente do que eu estava fazendo.

Eu acho que eles podem mudar muito nossa escola, eu prestei muita atenção, no show micio os discursos e as propostas dos candidatos.

Pensei muito bem nas propostas faladas, votei na qual achei melhor, no que ira melhorar nosso meio ambiente escolar.

	Seu	
	WAP	
	MUDA	
	TUDO	



"Onde nos votamos foi numa sala, mas antes fizemos uma colinha para votar, quando estava-mos na fila a professora filmou nos, tirou foto, foi muito legal depois, entregamos nosso titulo de eleitor e fomos votar..." (Nat)

"hoje eu votei na escola pela primeira vez, quando eu escrevi no papel em quem iria votar, fiquei em decisa..." (Fer)

"O Renato votou rapidinho e quando ele saiu eu fui votar eu sentei na mesa e coloquei o nome do vereador (a) e do prefeito eu escrevi os nomes deles e deposei o meu voto na urna e sai depois eu peguei o meu titulo de eleitor e sai pensativa mas gostei da experiencia de votar." (Fla)

"A urna eletrônica era de caixa de papelão e nós colocariamos o papel lá dentro e espero em quem eu votei faz algo pela nossa escola se ganhar!"
(Fer)

Considerações finais

Esse trabalho desenvolvido dentro de um contexto escolar, procura identificar condições e possibilidades para sistematizar o conceito cidadania, por meio do projeto Eleições Mirim. Temática complexa, enfocada desde a pré escola, contudo de forma a-histórica. O trabalho em sala de aula procurou enfatizá-lo como uma construção social e histórica ao longo da história da humanidade.

A proposta pedagógica se apoiou processo de aprendizagem e desenvolvimento, enfocando principalmente a aprendizagem no espaço escolar, que privilegia a forma coletiva de construção de conhecimento, ou da formação de conceitos científicos, e portanto mediado, tanto pelo outro social (professor e crianças mais capazes) como pela linguagem.

Nas interações cotidianas o uso e as relações com as palavras, com idéias e noções ocorrem de forma irrefletida e as palavras são “testadas”, no seu processo de individualização, em diferentes situações. No contexto escolar, que se trabalha com conceitos científicos a aprendizagem é esperada, é intencional, o trabalho pedagógico e o objeto a ser conhecido é planejado, formalizado e explícito (ou pelo menos deveria ser).

Assim, no início, “naturalmente”, a palavra cidadania foi utilizada em sala de aula com um significado preso as experiências concretas, cotidianas das crianças. Para a resignificação e sistematização à um nível mais abstrato do pensamento, a própria professora, pessoa do grupo considerada possuidora dos conceitos e responsável por ensiná-los didaticamente, precisou buscar subsídios em leituras, resignificar esse conceito para torná-lo consciente para organizar o trabalho pedagógico e ser mediadora nesse processo de circunscrição de significado.

A relação entre sujeito e conhecimento precisa ser, necessariamente, significativa para que seja transformadora. O trabalho com o conceito deve ser articulado com os seus significados de forma a promover uma relação entre a

aprendizagem e a prática social dos indivíduos. Mas isso não ocorre de forma homogênea, os significados variam de pessoa a pessoa, pois cada um é formado pelas suas relações sociais que ultrapassa o espaço escolar. Nesse sentido a promoção de circulação de sentidos na sala de aula a torna um espaço rico de interação e cada sujeito contribui para a formulação e reformulação dos significados de conceitos do outro.

As diferentes nuances de apreensão do conceito foram percebidas tanto nas interações dialógicas, quanto nas produções escritas individuais e coletivas. Os momentos de escrita coletiva, se constituíram muito enriquecedor por inclui todos os alunos, principalmente aqueles que ainda apresentam muita dificuldade com o esse código linguístico.

A produção escrita em duplas, indicou também a pertinência de um trabalho dirigido para uma reflexão sobre a escrita, abordando tanto as dificuldades ortográfica, de falta de palavras que dá sentido ao texto, de pontuação, quanto de problemas nos enunciados. E assim, dependendo do encaminhamento dessa atividade reflexiva promovida pelo professor, contribuiria muito para a percepção da adequação dos enunciados que os alunos produzem, promovendo um avanço para uma escrita mais consciente.

A percepção clara dessa necessidade se desenvolveu nos momentos de reflexão sobre os dados da pesquisa, no entanto, isso não quer dizer que esses momentos de pensar sobre o como e que escrever (com o título de reestruturação de texto) não ocorra na sala de aula, contudo não era tão consciente como agora se tornou.

Esse é um ponto muito interessante para se pensar: a professora que se tornou pesquisadora de seu próprio trabalho e precisou aprender a ser pesquisadora sendo professora, também se descobre aprendendo a ser professora sendo pesquisadora. Essa constatação aponta que as experiências só ganham uma compreensão maior quando nos propomos uma reflexão sobre essa prática e a articulação à um campo teórico.

Desse modo percebemos que um trabalho partilhado e permeado, o tempo todo, pela reflexão proporciona um desenvolvimento coletivo, heterogêneo, nunca unilateral.

Encerrado este trabalho, fica a certeza de que a elaboração do conceito de “cidadania” está apenas começando, pois segundo Vygotsky, “à medida que o intelecto da criança se desenvolve, é substituída por generalizações de um tipo cada vez mais elevado” e isso “pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais” que “não podem ser denominados apenas através da aprendizagem inicial” (2003:104).

ANEXOS

Anexo 1

Transcrição da discussão registrada em áudio

Dia 28/05

Prof: ...Pessoal vamos agora conversar sobre esses três primeiros parágrafos. O que vocês entenderam de tudo isso aí? Tem um monte de coisa que vocês não vão entender porque vocês precisam de mais conhecimentos de história para estar entendendo. Mas alguma coisa vocês entenderam. O que vocês entenderam?

Jen: Ta falando de cidadania.

Prof: Ta falando o que de cidadania? Nesse texto ta falando de respeitar as pessoas?

Jen: Ta falando mais de cidadania politica.

Prof: o que vocês acham do que a Jen. falou?

Cqs: É.

Cç: Ta falando aqui que no século XV há os direitos no surgimento da sociedade felda.

Prof: Feudal. O que tem a ver o surgimento da sociedade feudal coma a cidadania?

(interrupção para recados sobre a dança da festa junina)

Prof: Pessoal, vamos retomar? Vamos recuperar o que a Jen falou. Ela falou que o texto ta falando de cidadania politica. O que os outros acham?

Fab: Eu também acho isso.

Prof: E o que está falando de cidadania politica?

Jen: Ta falando dos escravos, das mulheres.

Prof: E o que está falando deles?

Jen: *Que na democracia grega só incluía os homens livres, os escravos e as mulheres não.*

Prof: *Incluía em que? No que os homens livres eram incluídos e os escravos e as mulheres não eram?*

Jho: *Na sociedade, professora?*

Prof: *Mas o que eles faziam na sociedade?*

Fer: *Votação.*

Prof: *Votação em que? Pra que?*

Jen: *Exército.*

Prof: *Não é exército, é exercício da cidadania. Mas o que significa exercício da cidadania?*

Jen: *É que só eles tinham direito a cidadania, os escravos não.*

Prof: *A Jen falou de exercício da cidadania e que só os homens livres exerciam a cidadania, os escravos e as mulheres não. Mas de que forma eles exerciam a cidadania na cidade grega? O texto dá pista de como era exercida. Vamos dar uma relida pra ver se a gente encontra.*

(Nova interrupção para dar recados sobre a dança da quadrilha)

Prof: *A Déb quer falar, vamos ouvir.*

Déb: *Os homens exerciam os direitos e deveres de cidadão.*

Prof: *Vocês concordam com o que a Déb falou?*

Cçs: *Concordamos.*

Prof: *Dá pra gente saber como eles exerciam esses direitos e deveres?*

Cçs: *Dá.*

Prof: *Então como era?*

Déb: *nas decisões da cidade*

Anexo 2

Textos utilizados com os alunos

1 - Direito de ter direitos

Está aí a importância de saber direito o que é cidadania. É uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos. Mas hoje significa, em essência, o direito de viver decentemente.

Cidadania é o direito de ter uma idéia e poder expressá-la. E poder votar em quem quiser sem constrangimento. E processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração.

Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela idéia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na idéia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos de terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com

muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa.

Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar.

A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio. Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

2 - ORIGEM DA CIDADANIA, ASCENSÃO DA BURGUESIA E CULTURA BURGUESA

E onde está a origem da cidadania? Atribui-se em princípio à cidade ou pólis grega. A pólis era composta de homens livres, com participação política continua numa democracia direta, em que o conjunto de suas vidas em coletividade era debatido em função de direitos e deveres. Assim, o homem grego livre era, por excelência, um homem político no sentido estrito.

A cidadania está relacionada ao surgimento da vida na cidade, à capacidade de os homens exercerem direitos e deveres de cidadão. Na atuação de cada indivíduo, há uma esfera privada (que diz respeito ao particular) e uma esfera pública (que diz respeito a tudo que é comum a todos os cidadãos). Na pólis grega, a esfera pública era relativa à atuação dos homens livres e à sua responsabilidade jurídica e administrativa pelos negócios públicos. Viver numa relação de iguais como a da pólis significava, portanto, que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, sem violência. Eis o espírito da democracia. Mas a democracia grega era restrita, pois incluía apenas os homens livres, deixando de fora mulheres, crianças e escravos.

Embora fossem escravistas, as sociedades grega e romana promoveram em suas cidades certo exercício de cidadania. Contudo, no período que vai do século V ao XIII, surgiu a sociedade feudal - que era rural. Foi só com o desenvolvimento da sociedade capitalista (cujo início podemos talvez situar no século XV), com a longa ascensão da burguesia em luta contra o feudalismo, que se retorna pouco a pouco ao exercício da cidadania, como parte da existência dos homens vivendo novamente em núcleos urbanos.

Para uma primeira aproximação, vale a pena retroceder às revoluções

burguesas, particularmente à Revolução Francesa. Com elas, estabelecem-se as Cartas Constitucionais, que se opõem ao processo de normas difusas e indiscriminadas da sociedade feudal e às normas arbitrárias do regime monárquico ditatorial, anunciando uma relação jurídica centralizada, o chamado Estado de Direito. Este surge para estabelecer direitos iguais a todos os homens, ainda que perante a lei, e acenar com o fim da desigualdade a que os homens sempre foram relegados. Assim, diante da lei, todos os homens passaram a ser considerados iguais, pela primeira vez na história da humanidade. Esse fato foi proclamado principalmente pelas constituições francesa e norte-americana, e reorganizado e ratificado, após a II Guerra Mundial, pela Organização das Nações Unidas (ONU), com a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948).

Lembre-se, aqui, a importância de uma constituição. É um documento que limita o poder dos governantes e condensa a idéia dos direitos e da cidadania, único instrumento não-violento para a segurança dos cidadãos, que não podem ser tratados arbitrariamente. Os homens de uma sociedade mantêm-se como cidadãos à medida que partilham as mesmas normas e podem lançar mão delas para se defender. Constituição violada significa cair na tirania e no arbítrio dos que têm o poder econômico e/ou político. Outro exemplo doloroso de nossa não-cidadania: a existência de fazendas, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país, onde trabalhadores rurais são tratados como escravos, mantidos em regime de cerceamento, conforme denúncias feitas nos meios de comunicação.

Ainda sobre o direito ao corpo, os direitos civis: quem disse que os trabalhadores escolhem onde vão colocar os seus corpos e em que condições e ritmos vão trabalhar? O capitalismo contemporâneo, com um sistema de produção baseado em tecnologia cada vez mais complexa, exige de corpos e mentes dos trabalhadores um esforço e um sofrimento desumanos. Vale a pena assistir (ou rever) ao filme *Tempos Modernos* (1936). Nele, Charles Chaplin nos mostra, com sensibilidade inigualável e perspectiva tragicômica, o sofrimento do trabalhador na fábrica: há o que vir "marginal", o que serve de cobaia para novas tecnologias e tratamentos de saúde, o que tem o sonho da casa própria etc. Isso, na década de 30. Imaginem hoje!

A luta pelos direitos civis de locomoção, de liberdade de expressão, tem sido bastante intensa no mundo, inclusive na América Latina. Mas ainda há muito a fazer antes de se poder afirmar que esses direitos são respeitados. De qualquer forma, eles dependem da existência dos direitos políticos; estes, por sua vez, dependem da existência de regimes efetivamente democráticos.

3 - Direitos sociais

Os direitos sociais dizem respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas. São todos aqueles que devem repor a força de trabalho, sustentando o corpo humano -alimentação, habitação, saúde, educação etc. Dizem respeito, portanto, ao direito ao trabalho, a um salário decente e, por extensão, ao chamado salário social, relativo ao direito a saúde, educação, habitação etc. O que dizer do atendimento desses direitos no Brasil, quando se sabe que a maioria da população se encontra em situação de clamorosa injustiça e pobreza?

Chamo a atenção para a importância que assumiram os direitos sociais na etapa contemporânea; é precisamente sobre esses direitos que os detentores do capital e do poder tem construído a sua concepção de cidadania. Com ela, procuram administrar a

classe trabalhadora, mantendo-a passiva, "receptora" desses direitos, que supostamente devem ser agilizados espontaneamente pelos capitalistas e pelos governantes. Mas, ao mesmo tempo, essa concepção de cidadania faz parte de um conjunto de modificações do capitalismo contemporâneo que pode acenar com uma sociedade melhor.

Se, de um lado, isso pode ser um engodo, de outro pode vir a tornar-se realidade se os trabalhadores, cidadãos subalternizados, reverterem o quadro e procurarem ocupar efetivamente os espaços acenados para os direitos.

4 - Direitos políticos

Convém falar dos direitos políticos e, depois, retornar aos direitos sociais (ou mesmo civis), pois a ligação ou o desligamento entre os dois, a meu ver, levam a diferentes experiências de cidadania.

Os direitos políticos dizem respeito à deliberação do homem sobre sua vida, ao direito de ter livre expressão de pensamento e prática política, religiosa etc. Mas, principalmente, relacionam-se à convivência com os outros homens em organismos de representação direta (sindicatos, partidos, movimentos sociais, escolas, conselhos, associações de bairro etc.) ou indireta (pela eleição de governantes, parlamento, assembléias), resistindo a imposições dos poderes (por meio de greves, pressões, movimentos sociais). E, ainda, dizem respeito a deliberações dos outros dois direitos, os civis e os sociais esclarece quais são esses direitos e de que modo chegar a eles.

Em suma, esses três conjuntos de direitos, que compoem os direitos do cidadão, não podem ser desvinculados, pois sua efetiva realização depende de sua relação recíproca. Esses direitos, por sua vez, são dependentes da correlação de forças econômicas e políticas para se efetivar. Nesse contexto está a difícil reflexão: os direitos de uns precisam condizer com os direitos dos outros, permitindo a todos o direito à vida no sentido pleno traço básico da cidadania.

1. BIBLIOGRAFIA

- EDWARDS, Verônica. **Os sujeitos no universo da escola**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- EZPELETA, E. e ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1989.
- FONTANA, R. A. C. **Mediação Pedagógica na Sala de Aula**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- GENTIL, M. S. “**Em cima da hora? O que é isso?**” **Palavras em uso e a elaboração conceitual em um contexto pré-escolar**. Campinas, SP: Faculdade de Educação da Unicamp, 1997 (Dissertação de Mestrado)
- GOES, M. C. R. de. *As Relações Intersubjetivas na Construção de Conhecimentos*, in **A Significação nos Espaços Educacionais – Interação Social e Subjetivação**. Campinas, SP Papirus, 1997 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- JOBIN e SOUZA, Solange **Infância e linguagem: Baktin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus, 1994
- _____. **A Elaboração Conceitual na Dinâmica das Relações de Ensino**. Campinas, SP: Faculdade de Educação da Unicamp, 1991 (Dissertação de Mestrado)
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação. Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico.** Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 1997.

_____o Pensamento de Vygotsky Como Fonte de Reflexão
Sobre
a Educação in Caderno CEDES, vol. 35 – Implicações Pedagógicas
do
Modelo Histórico Cultural Campinas, SP: Papyrus, 1995.

SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura & Realidade Brasileira.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983

SMOLKA, Ana Luiza B. **Conhecimento e Produção de Sentido na Escola: a**
Linguagem em foco in Caderno CEDES, vol. 35 – Implicações
Pedagógicas
do Modelo Histórico Cultural. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

TUNES, E. **Os Conceitos Científicos e o Desenvolvimento do Pensamento verbal**
in Caderno CEDES, vol. 35 – Implicações Pedagógicas do Modelo
Histórico
Cultural. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** SP: Martins Fontes, 1987

2. BIBLIOGRAFIA PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA:

COVRE, M. L.M. **O que é cidadania**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.

DIMENSTEIN, G. **O cidadão de papel: a infância e a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: ed. Ática, 1997.

FURLAN, S. A. SCARLATO, F. C. CARVALHO, A. F. **Eu e o outro: a construção da cidadania**. Coleção Verso e Reverso. Geografia e História: Estudos Sociais – 4ª série. São Paulo: Editora Nacional.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Secretaria de Educação Fundamental
Viver, Aprender: Educação de Jovens e Adultos – 4, modulo 1.
Unidade 4: Participação política São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

ROCHA, R. **O reizinho mandão** Ed. Quinteto Editorial.

NISKIER, Arnaldo **A Constituinte da Nova Floresta ou o Amparo aos bichos é dever de todos** – desenho de Maurício de Souza – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985

10

10